

Solange do Carmo Dias Machado

2º Ciclo de Estudos em História, Relações Internacionais e Cooperação

À Descoberta da Comunidade Muçulmana do Porto:
Relatório do estágio realizado no SOS Racismo

2012

Orientadora: Professora Doutora Helena Vilaça

Classificação: Ciclo de estudos:

Relatório:

DEDICATÓRIA

Dedico o presente relatório de estágio às 63 vítimas do desastre do barco oriundo de Trípoli, em março de 2011, aquando da intervenção militar internacional na Líbia que levou à queda do regime de Muammar Khadafi, que devido a vários erros humanos e institucionais, conduziram a que a embarcação com 72 refugiados fosse deixada à deriva, sem nenhuma resposta dada aos seus pedidos por ajuda, durante 16 dias.

“Podemos falar tanto quanto quisermos sobre direitos humanos e a importância de cumprir as obrigações internacionais, mas se ao mesmo tempo deixarmos pessoas a morrer – talvez porque não sabemos quem são ou porque vêm de África – tal revela o quão insignificantes são essas palavras.” (Tineke Strik, autor do relatório divulgado pelo Conselho da Europa)

AGRADECIMENTOS

Todas as palavras serão escassas para agradecer a todos aqueles que me acompanharam ao longo da realização deste relatório de estágio:

À Professora Doutora Helena Vilaça, orientadora do presente relatório de estágio, expresso a minha mais profunda gratidão, as minhas palavras nunca serão bastantes para agradecer a sua preciosa orientação, o seu empenho, as suas palavras, a sua disponibilidade e sobretudo a sua compreensão para comigo;

Ao Professor Doutor Jorge Ribeiro, diretor do mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, também não poderia deixar de dirigir um especial agradecimento pela preocupação que sempre revelou ter pelos mestrandos, pelas palavras de incentivo que dirigiu aos mesmos e pela disponibilidade que sempre demonstrou ter para auxiliar os mesmos em qualquer momento;

Ao Dr. Nuno Silva, diretor do Movimento SOS Racismo Porto, em especial, e a todo o grupo do SOS Racismo, expresso também a minha gratidão por terem acolhido a realização do estágio, porque me permitiu vivenciar uma experiência única que nunca mais esquecerei e que me enriqueceu enquanto profissional e pessoa e agradeço ainda pelo acompanhamento que me concederam durante toda a realização do estágio e do presente relatório;

À Comunidade Muçulmana do Porto expresso a minha profunda gratidão e reconhecimento pelo facto de terem tornado possível a realização deste relatório de estágio, graças à sua colaboração e disponibilidade;

Por fim, agradeço aos meus pais por todo o apoio incondicional ao longo deste percurso e pelo esforço despendido para que em momento algum me faltasse nada, agradeço também ao meu namorado, por me ter acompanhado sempre com palavras de motivação e incentivo durante toda a realização do estágio e do presente relatório de estágio.

RESUMO

Serve o presente relatório para expor o trabalho desenvolvido durante o estágio curricular realizado na instituição SOS Racismo, no período compreendido entre dezembro de 2011 e maio de 2012, para conclusão do Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação.

Inicialmente, serão expostas informações relativas ao Islão em Portugal, para que seja analisada, em particular, a comunidade muçulmana do Porto, como resposta à falta de informação existente sobre esta comunidade. Para tal, no decorrer da realização do projeto, mostrou-se necessário realizar um estágio na instituição SOS Racismo, que apresenta objetivos em comum com este estudo, como a promoção da integração social e a luta contra a exclusão, sendo que os objetivos comuns foram determinantes para a sua escolha como instituição de estágio. Em seguida, será apresentado o projeto, serão abordados aspetos teóricos que dizem respeito à metodologia da investigação aplicada neste estudo, será apresentada a instituição de estágio e as atividades realizadas. As entrevistas aos líderes/representantes da comunidade muçulmana do Porto, o blogue sobre o Islão, a base de dados de parceiros sociais, os inquéritos por questionário realizados à comunidade e o ciclo de debates sobre cinema muçulmano, foram as atividades de estágio concretizadas, que acabaram por se revelar fundamentais e determinantes para o aperfeiçoamento e conclusão deste projeto. Por fim, serão ainda analisados no presente relatório os resultados das atividades de estágio: o Centro Cultural Islâmico do Porto, a sua fundação e os seus projetos, e a caracterização dos muçulmanos que pertencem à comunidade muçulmana do Porto.

Palavras-chave: Islão; Comunidade Muçulmana do Porto; Diálogo Intercultural; Discriminação; Exclusão social; Integração; Inclusão social

ABSTRACT

The present report aims to present the work developed during the internship in SOS Racism, in the period between December 2011 and May 2012, for completion of the Master's in History, International Relations and Cooperation.

Initially, information about the Islam in Portugal will be exposed, so that the Muslim community of Porto could be analyzed, particularly, like answer to the lack of information about this community. To this end, during the execution of the project, was necessary to perform an internship at the institution SOS Racism, that has common goals with this study, such as promoting social inclusion and combating exclusion, and these common goals were crucial for the choice as institution of internship. This will be followed by the presentation of the project, the theoretical aspects concerning the research methodology applied in this study will be presented, such as the institution of internship and the internship activities. The interviews to the leaders/representatives of the Muslim community of Porto, the blog about Islam, the database of social partners, the questionnaires carried out to the community and the cycle of debates about Muslim cinema, were the implemented internship activities, which turned out to be crucial and decisive for the improvement and conclusion of this project. Finally, will be analyzed the results of the internship activities: the Islamic Cultural Center of Porto, its foundation and its projects, and the characterization of Muslims who belong to the Muslim community of Porto.

Keywords: Islam; Muslim Community of Porto; Intercultural Dialogue; Discrimination; Social Exclusion; Integration; Social Inclusion

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
ÍNDICE GERAL	6
ÍNDICE DE TABELAS	8
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – Introdução ao tema em estudo.....	15
1. Diálogo intercultural, integração e pluralismo: o combate à discriminação	18
2. O Islão em Portugal	21
CAPÍTULO II – Da teoria à prática.....	26
1. O projeto: justificação e pertinência.....	26
1.1. Os objetivos, a formulação do problema e a questão de partida.....	27
1.2. As hipóteses teóricas e os conceitos	28
2. A instituição de estágio	30
3. A metodologia	32
4. Atividades de estágio.....	34
4.1. As entrevistas	35
4.2. O blogue.....	37
4.3. A base de dados de parceiros sociais	38
4.4. Os inquéritos por questionário	39

4.5. Ciclo de debates sobre cinema muçulmano	41
CAPÍTULO III – A comunidade muçulmana e o Centro Cultural Islâmico do Porto.....	43
1. Os muçulmanos do Porto.....	43
2. A fundação do Centro Cultural Islâmico do Porto	45
3. Os projetos do Centro Cultural Islâmico do Porto	47
CAPÍTULO IV – Muçulmanos da comunidade do Porto	49
1. Dados pessoais.....	49
2. Religião.....	60
3. Causas da emigração	70
4. Integração na comunidade	72
CONCLUSÃO.....	82
BIBLIOGRAFIA	85
APÊNDICES	92
Apêndice 1: Guião para a Entrevista 1 – Criação do Blogue Islão Online	93
Apêndice 2: Guião para a Entrevista 2 – Centro Cultural Islâmico do Porto.....	95
Apêndice 3: Textos publicados no Blogue Islão Online	97
Apêndice 4: Inquérito por Questionário	109

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Sexo dos muçulmanos do Porto	49
Tabela 2: Idade dos muçulmanos do Porto.....	50
Tabela 3: Estado civil dos muçulmanos do Porto	51
Tabela 4: Muçulmanos do Porto casados com pessoas da mesma religião.....	51
Tabela 5: Países onde nasceram os muçulmanos do Porto.....	52
Tabela 6: Nacionalidades dos muçulmanos do Porto.....	53
Tabela 7: Nível de escolaridade dos muçulmanos do Porto.....	54
Tabela 8: Profissões dos muçulmanos do Porto	55
Tabela 9: Condição perante o trabalho dos muçulmanos do Porto	56
Tabela 10: Situação perante o trabalho dos muçulmanos empregados do Porto.....	57
Tabela 11: Atividade laboral exercida pelos muçulmanos empregados do Porto.....	58
Tabela 12: Profissão e atividade laboral exercidas pelos muçulmanos do Porto	59
Tabela 13: Ramo do Islão a que pertencem os muçulmanos do Porto	60
Tabela 14: Muçulmanos do Porto que já nasceram no seio de uma família muçulmana	60
Tabela 15: Idade dos muçulmanos do Porto convertidos aquando da conversão	61
Tabela 16: Motivos da conversão dos muçulmanos convertidos do Porto.....	61
Tabela 17: Sexo dos muçulmanos convertidos do Porto	62
Tabela 18: Muçulmanos do Porto que se consideram praticantes.....	62
Tabela 19: Motivo para os muçulmanos do Porto serem praticantes	62
Tabela 20: Motivo para os muçulmanos do Porto não serem praticantes	63
Tabela 21: Muçulmanos do Porto que cumprem as cinco orações diárias.....	63
Tabela 22: Motivo para os muçulmanos do Porto orarem cinco vezes ao dia	64
Tabela 23: Motivo para os muçulmanos do Porto não orarem cinco vezes ao dia.....	64
Tabela 24: Muçulmanos do Porto que dão a esmola	65

Tabela 25: Motivo para os muçulmanos do Porto darem a esmola.....	65
Tabela 26: Motivo para os muçulmanos do Porto não darem a esmola.....	66
Tabela 27: Muçulmanos do Porto que praticam o jejum durante o Ramadão.....	66
Tabela 28: Motivo para os muçulmanos do Porto praticarem o jejum durante o Ramadão	66
Tabela 29: Motivo para os muçulmanos do Porto não praticarem o jejum durante o Ramadão	67
Tabela 30: Muçulmanos do Porto que já fizeram a peregrinação a Meca.....	67
Tabela 31: Motivo para os muçulmanos do Porto fazerem a peregrinação a Meca.....	68
Tabela 32: Motivo para os muçulmanos do Porto não fazerem a peregrinação a Meca	68
Tabela 33: Muçulmanos do Porto que pretendem fazer a peregrinação a Meca.....	69
Tabela 34: Quando os muçulmanos do Porto, que ainda não fizeram a peregrinação, pretendem fazer a peregrinação a Meca	69
Tabela 35: Principais razões que levaram os muçulmanos do Porto a saírem dos seus países de origem	70
Tabela 36: Principais razões que levaram os muçulmanos a vir para o Porto.....	71
Tabela 37: Apoio dado aos muçulmanos desde que chegaram a Portugal.....	72
Tabela 38: Quem ajuda os muçulmanos do Porto	72
Tabela 39: Áreas em que os muçulmanos do Porto receberam ajuda	73
Tabela 40: Integração dos muçulmanos na comunidade do Porto	74
Tabela 41: Motivos para a boa integração dos muçulmanos do Porto	74
Tabela 42: Motivos para a má integração dos muçulmanos do Porto	75
Tabela 43: Principais dificuldades dos muçulmanos do Porto na adaptação à sociedade portuguesa.....	76
Tabela 44: Muçulmanos do Porto que foram vítimas de discriminação	77
Tabela 45: Aspetos em que os muçulmanos do Porto foram discriminados	77
Tabela 46: Muçulmanos do Porto vítimas de violência	78

Tabela 47: Episódios das discriminações experienciadas pelos muçulmanos do Porto	79
Tabela 48: Opções mais necessárias para os muçulmanos do Porto se sentirem integrados	80

INTRODUÇÃO

“O Islão em Portugal: a comunidade muçulmana do Porto” é o tema proposto para a realização do relatório de estágio do Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O presente relatório tem como alicerce o estudo da inclusão da comunidade muçulmana do Porto e da erradicação de preconceitos, uma problemática que se procurará apreender mediante a realização de um estágio curricular no SOS Racismo, que desde a sua fundação propõe uma sociedade mais justa, igualitária e intercultural, onde todos possam usufruir dos mesmos direitos de cidadania.

A realização do presente relatório de estágio tem como intuito contribuir para o aprofundamento e compreensão da problemática já referida, ao mesmo tempo que, a concretização do estágio pretende oferecer ao estagiário a experiência de uma investigação com vista na consolidação e aprofundamento dos conhecimentos teóricos sobre todas as formas de discriminação, bem como, na aquisição de competências próprias direcionadas para uma intervenção social.

A visibilidade que as comunidades muçulmanas têm vindo a adquirir nas principais cidades europeias resulta não só do seu crescimento demográfico mas também da sua crescente afirmação social e cultural. A formulação de políticas sociais, culturais e educacionais por parte de governos e autoridades locais deve considerar estes grupos minoritários, de modo a garantir a sua adaptação, integração no meio circundante e respeito pelos seus direitos.

Da pesquisa realizada foram encontradas duas conclusões que permitem justificar este estudo: os muçulmanos sentem-se bem recebidos no Porto mas afirmam que ainda há preconceito; os muçulmanos criticam as pessoas que escrevem ou falam sobre o Islão sem conhecerem bem a Religião Islâmica. É neste contexto que se torna pertinente aprofundar o conhecimento acerca da cultura muçulmana, dos seus valores, crenças, hábitos, normas e costumes. Neste sentido, o significado do presente relatório de estágio advém precisamente do facto de este ter como intuito fundamental promover o diálogo intercultural, diagnosticar e combater a discriminação e progredir na inclusão dos muçulmanos. Com o objetivo de prevenir uma possível emergência de discriminação contra crentes islâmicos, a importância deste projeto é também demonstrada através da lacuna de dados existente sobre a comunidade muçulmana do

Porto. No desconhecimento de projetos divulgados nesta linha de investigação, parece pertinente avaliar a situação e atuar sobre a mesma, de modo a contribuir para uma melhor inclusão da comunidade muçulmana do Porto.

O atual relatório tem como tema o Islão em Portugal, centrando-se mais concretamente na comunidade muçulmana do Porto e, neste sentido, o objetivo geral, que norteia a elaboração do presente relatório de estágio, consiste em prosperar um diálogo intercultural através da erradicação de preconceitos. O relatório pretende contribuir para a inclusão da comunidade muçulmana do Porto, procurando em particular concretizar os seguintes objetivos: sensibilizar a sociedade portuense para a temática do Islão e contribuir para a visibilidade da comunidade muçulmana no Porto; conhecer a comunidade muçulmana do Porto assim como as suas ambições e projetos; aferir as principais dificuldades na integração da comunidade muçulmana e na sua relação com instituições públicas e autarquias; diagnosticar situações de discriminação dos muçulmanos e esclarecer eventuais focos de tensão entre a comunidade muçulmana e os portuenses; promover o conhecimento acerca da cultura muçulmana, dos seus valores, crenças, hábitos, normas e costumes.

Como corpo fundamental da investigação, em torno do objetivo central e dos objetivos específicos definidos, tentar-se-á responder às seguintes interrogações: Quem é a comunidade muçulmana do Porto? Quais são as suas principais características? Quem a representa/quem são os seus líderes? Qual a sua relação com as entidades locais, como autarquias e organizações do Estado, como o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)? Quais são os seus projetos futuros? Como é/foi a sua integração? Os muçulmanos do Porto sentem-se discriminados?

Por conseguinte, o problema em análise passa pela seguinte pergunta de partida: *Como melhorar a inclusão da comunidade muçulmana do Porto e dos muçulmanos que são vítimas de discriminação?*, na medida em que se procurou compreender como o desconhecimento sobre a cultura islâmica promove atitudes discriminatórias e de exclusão social; perceber como o desempowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, condiciona o exercício pleno da sua cidadania; perceber que quanto mais o Estado e o Terceiro Setor se focam no empowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, mais provável é a sua integração e inclusão social.

Assim sendo, visando encontrar resposta à questão de partida que norteia este relatório de estágio, revelou-se fundamental conhecer a comunidade muçulmana do

Porto, e neste sentido, considerou-se pertinente que a população-alvo deste estudo fosse constituída pela comunidade muçulmana do Porto. Todavia, a resposta à questão acima mencionada não poderia ficar completa sem a realização de um conjunto de atividades de estágio relevantes para o aprofundamento do estudo da inclusão da comunidade muçulmana do Porto, atividades que se materializaram através de entrevistas a dirigentes e principais figuras da comunidade muçulmana do Porto, como é o caso do *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e do responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP); da criação de um blogue para apresentar o Islão à comunidade; da criação de uma base de dados de parceiros sociais para projetos com a instituição de estágio; de inquéritos por questionário aos membros da comunidade muçulmana para análise e caracterização da comunidade; da criação de um ciclo de debates sobre cinema muçulmano, atividade proposta pelo SOS Racismo, que já desenvolve este tipo de ação.

Consequentemente, no sentido de partilhar as conclusões a que este relatório de estágio permitiu alcançar, bem como os procedimentos metodológicos utilizados e as atividades de estágio concretizadas, para apreender estas mesmas conclusões, o presente relatório de estágio encontra-se organizado em quatro capítulos fundamentais, sendo eles: I – *Introdução ao tema em estudo*, II – *Da teoria à prática*, III – *A comunidade muçulmana e o Centro Cultural Islâmico do Porto*, IV – *Muçulmanos da comunidade do Porto*.

O primeiro capítulo, *Introdução ao tema em estudo*, é constituído pela definição de diálogo intercultural, integração e pluralismo no combate à discriminação, e pelo estudo do Islão em Portugal. Ao longo deste capítulo foram destacados e referenciados centros de investigação, revistas, relatórios, artigos de jornais, investigadores que se dedicam ao tema do projeto, entre outros. Deste modo, o primeiro capítulo apresenta-se como uma tentativa de perceber a informação existente sobre o Islão assim como projetos de divulgação/integração da comunidade muçulmana em Portugal que foram desenvolvidos até à presente data.

Por sua vez, o segundo capítulo, *Da teoria à prática*, possibilita, em primeiro lugar, apresentar o projeto, a sua justificação e pertinência, os objetivos, a formulação do problema e a questão de partida, e as hipóteses teóricas e os conceitos; em segundo lugar, contextualiza a instituição de estágio para que seja possível compreender porque motivo foi esta a organização escolhida para a concretização do estágio; em terceiro lugar, permite refletir sobre a metodologia da investigação, que se afigurou como

alicerce na apreensão da problemática em estudo; e, em quarto lugar, apresenta as atividades elaboradas durante a realização do estágio, como as entrevistas, o blogue, a base de dados de parceiros sociais, os inquéritos por questionário e o ciclo de debates sobre cinema muçulmano, revelando em que medida estas atividades contribuíram para o aprofundamento do estudo da comunidade muçulmana e da sua inclusão.

O terceiro capítulo, *A comunidade muçulmana e o Centro Cultural Islâmico do Porto*, procura analisar e caracterizar os dados apreendidos da comunidade muçulmana e do Centro Cultural Islâmico do Porto, através das atividades de estágio, analisando os muçulmanos do Porto, a fundação do Centro Cultural Islâmico do Porto e os projetos do Centro Cultural Islâmico do Porto.

O quarto e último capítulo, *Muçulmanos da comunidade do Porto*, permite analisar as questões relacionadas com os dados pessoais, a religião, as causas da emigração e a integração na comunidade dos muçulmanos que pertencem à comunidade muçulmana do Porto.

Em suma, através da realização deste relatório de estágio espera-se contribuir para o enriquecimento da produção científica acerca desta temática e apontar novas pistas de reflexão sobre a mesma, uma vez que, cada vez mais se revela pertinente construir um novo entendimento sobre a inclusão da comunidade muçulmana, pois, na verdade, numa época em que se advoga o exercício dos direitos de cidadania, dos direitos políticos e dos direitos sociais, não se pode permitir que uma comunidade religiosa minoritária, como é o caso da comunidade muçulmana do Porto, fique impossibilitada de uma efetiva inclusão na sociedade.

CAPÍTULO I – Introdução ao tema em estudo

A incompreensão dos países de maioria muçulmana tem criado condições favoráveis ao aparecimento de grupos que espalham o medo e a insegurança por todo o mundo:

- No dia 11 de setembro de 2001 dois aviões comerciais repletos de passageiros e de combustível embateram contra as torres gémeas do World Trade Center, em Nova Iorque, matando milhares de pessoas;

- No dia 11 de março de 2005 ocorreria um outro atentado na estação de Atocha, em Madrid, provocando 191 mortos e mais de 1800 feridos (Lusa, 2010) e a 7 de julho do mesmo ano a explosão de quatro bombas, em três linhas do metro e num autocarro londrino, provoca mais de 50 mortos, incluindo os quatro suicidas e cerca de 700 feridos (Diário de Notícias, 2008);

- Outros atentados ocorreram também no mundo árabe: bombistas suicidas e carros armadilhados continuaram a matar inocentes no conflito israelo-palestiniano e no Médio Oriente, enquanto questões religiosas e de divisão do território mantêm o impasse entre as duas comunidades.

Os conflitos que vão surgindo resultam, em parte, do desconhecimento entre religiões e foram, por vezes, a ignorância e o preconceito que trouxeram e continuam a trazer a hostilidade e a violência.

Portugal está em condições para fazer a ponte entre o mundo árabe/muçulmano, a Europa e o Ocidente, não só pelo nosso passado histórico mas também pela sua posição geográfica.

O relatório produzido para o EUMC (Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia) sobre o impacto do 11 de setembro na comunidade muçulmana Portuguesa revela que “é importante determinar quem são os muçulmanos de Portugal, qual o tipo de relação que têm uns com os outros e qual o tipo de integração que eles têm na nossa sociedade” (EUMC – Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia, 2002, p. 4).

De acordo com Vakil (2004, p. 17):

O terrorista islâmico e os imigrantes e minorias muçulmanas culturalmente inassimiláveis representam as duas faces da visão do Islão como o problema do século XXI que domina o debate público contemporâneo e a formulação das políticas de Estado, nacionais e internacionais, das sociedades ocidentais.

Ban Ki-moon (*cit. in* AFP – Agence France Presse, 2009), atual secretário-geral da ONU, numa conferência sobre o racismo, definiu a islamofobia como “uma forma de racismo”. A islamofobia não é um tema habitualmente explorado pelos investigadores portugueses. O Islão é muitas vezes associado ao terrorismo, passando uma imagem negativa dos crentes muçulmanos. Segundo a Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas (2008, p. 21) “tanto as ONG Solidariedade Imigrante quanto o SOS Racismo admitem a existência de preconceitos contra os muçulmanos na sociedade portuguesa”.

Relativamente à existência de discriminação, de falta de informação, e à necessidade de intervenção junto da população, é possível destacar, ainda segundo a Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas (2008, p. 22),

A detenção no Porto, em 2006, de 3 jovens muçulmanos ingleses que se deslocaram a Portugal para recitar o Corão na Mesquita do Porto, durante o Ramadão. Um cidadão anónimo alertou a PSP para a presença de indivíduos “suspeitos” – com o traje tradicional muçulmano – a viajar no Metro do Porto, o que conduziu à interrupção da circulação e à detenção dos três jovens, que permaneceram na esquadra durante o resto do dia. Foram finalmente libertados com um pedido de desculpas por parte das autoridades policiais.

Apesar de não ter sido registada nenhuma queixa de casos de violência física, ocorreram ofensas verbais especialmente contra as mulheres muçulmanas, que usavam o *hijab* (EUMC – Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia, 2002, p. 4).

De acordo com o EUMC – Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia (2002, p. 10) “em Portugal, as informações no que diz respeito à discriminação não são reunidas e organizadas por nenhuma instituição, nem mesmo por instituições governamentais, como a polícia”, o que torna difícil o estudo de casos de discriminação. Um projeto que foi recentemente desenvolvido pela RED Network – Rights, Equality & Diversity, através do programa “Combating Racism and Xenophobia”, inclui Portugal num total de 17 países Europeus participantes, e tem como objetivo denunciar casos de racismo na Europa através de um site na Internet “onde é possível visualizar e fazer comparações no que diz respeito a casos de racismo, xenofobia e discriminação” (JPN – Jornalismo Porto Net, 2012).

A especificidade da comunidade muçulmana em Portugal, face a outros países europeus, evidencia-se pela ausência de debates públicos de carácter político ou social relativos à comunidade muçulmana: a discussão sobre o secularismo e identidades religiosas, o debate sobre a islamofobia, a negociação da educação islâmica, ou a discussão sobre o uso do *hijab* nos espaços públicos constituem alguns debates intensos

protagonizados pelos muçulmanos em vários países europeus, acompanhados apenas à distância pela comunidade muçulmana e pela população em geral em Portugal. Aqui, também não existem organizações muçulmanas de caráter cívico significativas no debate político, como parlamentos ou conselhos muçulmanos, ou organizações estudantis muçulmanas (Tiesler, 2000, p. 118).

Em Portugal, a visibilidade negativa dos muçulmanos no espaço público e político, e simultaneamente a falta de informação sobre o Islão e das comunidades muçulmanas manifestada pelos profissionais dos *media*, em geral, pode levar à existência de islamofobia. O *Imam* da Mesquita de Lisboa, David Munir (*cit. in* Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, 2008, p. 20) reforça esta ideia afirmando que:

Atitudes anti-islâmicas não são visíveis em Portugal e os muçulmanos estão, na sua generalidade, bem integrados na sociedade portuguesa. No entanto, considero que se pode verificar um aumento da islamofobia como resultado da imagem negativa que alguns órgãos de comunicação social transmitem.

O 11 de setembro de 2001 promoveu o debate sobre o Islão e o terrorismo. De facto, e conforme Vakil (2004, p. 18) argumenta:

O Islão e os muçulmanos impuseram-se à consciência da generalidade da população como a mesma incógnita traduzida na ameaça representada pelas imagens televisivas que deram entrada em todas as salas de estar e espaços públicos pelo mundo fora. Na ávida procura de resposta a perguntas que não sabiam sequer formular, as pessoas deixaram claro onde as iam procurar: em Portugal, os livreiros anunciaram que se tinham esgotado os exemplares do Corão à venda, e nas universidades, cujo ano letivo abriu poucas semanas após, as cadeiras de língua árabe ficaram superlotadas.

Ainda a propósito do 11 de setembro, Oliveira (2006, p. 90) afirma que “na realidade a existência de acontecimentos, normalmente a nível internacional, (como os casos do 11 de setembro e 11 de março) e que envolvem muçulmanos, é que coloca a Comunidade Muçulmana Portuguesa na imprensa”. As questões e debates que predominam nos *media* sobre o Islão, formaram-se em torno da polémica anti-islâmica que descreve o discurso sobre o Islão no Ocidente desde o Iluminismo (Vakil, 2004, p. 18). “O verdadeiro passo para a compreensão do Islão é, antes, a desconstrução crítica e analítica do Islão” (Vakil, 2004, p. 20). O presente projeto propõe um rumo nesse mesmo sentido.

1. Diálogo intercultural, integração e pluralismo: o combate à discriminação

A cultura é o conjunto de manifestações humanas. São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço e tempo. Refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e completam a sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social, é a identidade própria de um grupo humano num território e num determinado período (Laraia, 2001, p. 48 - 49).

Cultura é um conjunto de respostas humanas ao mundo que nos circunda e com o qual interagimos. Ela é informação, isto é, um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprende e transmite aos contemporâneos e aos vindouros e simboliza tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos e que confere uma identidade dentro do seu grupo de pertença. É o resultado dos modos como as diversas comunidades humanas foram resolvendo os seus problemas ao longo da história.

O diálogo intercultural desempenha um papel fundamental na contribuição da paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo. Ao mesmo tempo, é um fator essencial no progresso do pluralismo, confirmando e preservando a diversidade. Ainda que cada cultura deva ser dotada de características essenciais e distintivas, assegurando desse modo a prevalência da diversidade cultural fundamental para o desenvolvimento sustentável das comunidades, a aproximação e interação com outras culturas pode originar situações de desavença e conflitos, que somente o diálogo poderá ultrapassar (UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, 2001).

De acordo com o Conselho da Europa (2008, p. 12), “necessitamos de uma nova estratégia para criar sociedades inclusivas: o diálogo intercultural” e todos os protagonistas, como as comunidades religiosas, devem participar na diversidade cultural.

O Conselho da Europa (2008, p. 13 - 14) define o diálogo intercultural como “uma troca de ideias aberta, respeitadora e baseada na compreensão mútua entre indivíduos e grupos com origens e património étnico, cultural, religioso e linguístico diferentes” e explica que a integração (integração social, inclusão):

Designa um processo de duplo sentido e a capacidade dos indivíduos de viverem juntos, no pleno respeito pela dignidade individual, pelo bem comum, pelo pluralismo e pela diversidade, pela não-violência e pela solidariedade, assim como a sua capacidade de participação na vida social, cultural, económica e política.

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (*cit. in* Conselho da Europa, 2008, p. 16) constatou ainda que o pluralismo “se baseia na aceitação e no respeito genuínos da diversidade e da dinâmica das tradições culturais, das identidades étnicas e culturais, das convicções religiosas e das ideias e conceitos artísticos, literários e socioeconómicos”.

No entanto, o pluralismo e a tolerância podem não ser suficientes. É essencial tomar a iniciativa, de forma estruturada e amplamente partilhada por todas as partes envolvidas, com a intenção de fomentar a diversidade cultural. Nesta conjuntura, o diálogo intercultural é um instrumento fundamental, sem o qual será difícil preservar a liberdade e o bem-estar entre todos. Segundo o Conselho da Europa (2008, p. 20):

A ausência de diálogo contribui, em grande medida, para o desenvolvimento de uma imagem estereotipada do outro, para o estabelecimento de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade, para a utilização das minorias como bodes expiatórios e, no geral, para o favorecimento da intolerância e da discriminação. O desaparecimento do diálogo no seio e entre sociedades pode, em determinados casos, criar um terreno favorável ao aparecimento e à exploração por certos indivíduos do extremismo e, inclusivamente, do terrorismo.

O conceito de discriminação, apesar de literalmente significar tratar alguém de uma forma diferente, pode ser definido como um comportamento que se exprime através da adoção de padrões de preferência ou de rejeição em relação aos outros. Discriminar significa fazer uma distinção. As formas mais abrangentes de discriminação existentes são a xenofobia, ou aversão por coisas ou pessoas estrangeiras, o racismo, ou atitude preconceituosa contra indivíduos com cor de pele diferente, e a intolerância religiosa, que podem levar à exclusão social. De acordo com Boudon (1990, p. 77-78):

Embora o termo [discriminação] implique apenas por si mesmo a faculdade de fazer distinções, ganhou em sociologia um sentido crítico. Designa as distinções feitas na vida social em detrimento de certos grupos, que são julgadas inaceitáveis pela maioria, porque violam as normas sociais e o princípio da igualdade perante a lei, ao mesmo tempo que certos subgrupos da população as justificam. (...) Os critérios de discriminação variam segundo as sociedades e segundo as épocas. (...) A discriminação pode fundar-se na raça, na religião, na origem nacional ou na cultura. (...) O facto de se ter podido definir a discriminação social como a maneira de tratar desigualmente indivíduos iguais mostra até que ponto se trata de um conceito estreitamente ligado à sociedade moderna, que põe a igualdade no centro dos seus valores: nas sociedades fundadas nas diferenças de estatuto ou de casta, a discriminação é um conceito neutro, descritivo, desprovido da conotação pejorativa que lhe atribuímos nas nossas sociedades.

O diálogo intercultural determina a troca de ideias entre indivíduos e grupos com origens e tradições étnicas, culturais e religiosas diferentes, com o propósito de alcançar a compreensão e respeito mútuos. Tanto a vontade como a aptidão de ouvir o que os

outros têm a dizer são elementos absolutamente necessários do diálogo intercultural. Ainda conforme o Conselho da Europa (2008, p. 21):

O diálogo intercultural contribui para a integração política, social, cultural e económica, assim como para a coesão de sociedades culturalmente diversas; favorece a igualdade, a dignidade humana e o sentimento de objetivos comuns; visa promover uma melhor compreensão das diversas práticas e visões do mundo, reforçar a cooperação e a participação (ou a liberdade de escolha), permitir o desenvolvimento e a adaptação dos indivíduos e, por último, promover a tolerância e o respeito pelo outro. (...) O diálogo intercultural é uma característica essencial das sociedades inclusivas, nas quais nenhum indivíduo é marginalizado ou excluído. É um poderoso instrumento de mediação e de reconciliação: através de um compromisso essencial e construtivo que ultrapassa as clivagens culturais, ele responde às preocupações relativas à fragmentação social e à insegurança, favorecendo, ao mesmo tempo, a integração e a coesão social. (...) [este diálogo] contribui para combater os preconceitos e os estereótipos na vida pública e para facilitar a criação de alianças entre comunidades culturais e religiosas, podendo, deste modo, ajudar a prevenir ou a atenuar conflitos.

Contudo, o diálogo intercultural também apresenta limites. Para o seu êxito é necessário um elevado número de comportamentos, como a abertura de espírito, vontade de dialogar e de deixar os outros exprimir o seu ponto de vista, capacidade de resolver os conflitos através de meios pacíficos e capacidade de reconhecer a validade dos argumentos do outro. De acordo com o Conselho da Europa (2008, p. 27):

Uma das principais barreiras que impedem o diálogo intercultural são os grupos e organizações políticas, que existem em inúmeras sociedades europeias, que apregoam o ódio ao “outro”, ao “estrangeiro” ou de determinadas identidades religiosas. O racismo, a xenofobia, a intolerância e todas as outras formas de discriminação recusam até a ideia de diálogo e representam uma afronta permanente à troca de ideias.

Às comunidades religiosas cabe-lhes a responsabilidade de, através do diálogo inter-religioso, contribuir para um reforço da compreensão entre diferentes culturas. O papel importante das comunidades religiosas em matéria de diálogo implica que sejam aplicados esforços neste domínio entre as comunidades religiosas e as instituições públicas. Segundo o Conselho da Europa (2008, p. 30), a prática religiosa:

Não pode, nem deve, ser excluída da esfera de interesses das autoridades públicas, ainda que o Estado deva preservar o seu papel neutro e imparcial na prática das diferentes religiões. Além do diálogo entre as autoridades públicas e as comunidades religiosas, que deverá ser incentivado, o diálogo deve igualmente desenvolver-se entre as próprias comunidades religiosas (diálogo inter-religioso).

O diálogo inter-religioso melhora qualquer projeto que contemple dar existência a condições para a gestão pacífica de conflitos e conciliar as diferentes comunidades (Stilwell, 2008, p. 137). Contudo, para que isso seja possível, conforme Stilwell (2008, p. 137 - 138):

É fundamental que às diversas tradições sejam facilitados os meios de educação e comunicação, sem os quais dificilmente conseguirão que os seus membros alcancem um domínio crítico do seu próprio património espiritual e o traduzam de forma competente na vida pública. (...) Terá também de ser promovido, junto da população em geral, um conhecimento mínimo que permita a todos frequentar, inteligente e criticamente, o património espiritual de toda a Humanidade, as várias religiões e mundividências, a riqueza da sabedoria herdada.

2. O Islão em Portugal

Hoje a comunicação atinge uma relevância social indispensável ao desenvolvimento progressivo da humanidade. Foi ao nível do sistema social global que, devido ao desenvolvimento dos *mass media*, a comunicação alcançou o interesse atual por parte dos agentes de influência.

Perante a atual abundância da informação, importa também basear a sua força para além do imediatismo e das emoções instantâneas. À comunidade jornalística impõe-se, por isso, uma reflexão e adoção desses valores universais. Ao abraçar e manifestar a ética que contempla os valores do humanismo, dentro de uma perspetiva de liberdade de expressão e comunicação, os *media* desempenham um papel importante na evolução das mentalidades e das culturas.

Como Boff (2009, p. 45 - 46) defende no seu livro:

Por que começar pelas religiões? Por uma simples constatação: as principais áreas de conflito hoje têm subjacente uma questão religiosa. (...) O caminho da paz mundial passa, portanto, pelo diálogo entre as religiões e pelo estabelecimento da paz entre elas. Para que a paz ocorra, portanto, é necessária a superação dos fundamentalismos. (...) Pacificadas as religiões – e ainda há muito por fazer – cria-se a plataforma para a paz política.

O problema da convivência entre diferentes culturas é que parte de um cenário onde a perceção sobre o que se pode fazer ainda continua a ser negativa, e só se pode combater essa perceção se dermos o primeiro passo. Houve avanços importantes, mas depois de uma época de muita aproximação, “hoje vive-se novamente um momento de medos onde o relacionamento voltou a esfriar” (Lusa, 2008). Como argumenta Akbar S. Ahmed (*cit. in* Rodrigues, 2007, p. 20), o confronto entre o Islão e o Ocidente é visto,

na perspectiva do Ocidente, “(...) como uma fonte de violência e anarquia que ameaça um ocidente estável e próspero”.

Durante a última década, como observa Maria do Céu Pinto (*cit. in* Rodrigues, 2007, p. 24), “o islamismo começou a ser visto no Ocidente como uma força antiocidental e antidemocrática, instigadora de atividades subversivas e terroristas”. Burgat (*cit. in* Rodrigues, 2007, p. 26) “apela à tolerância, à aceitação de novos mundos, com as suas peculiaridades, nunca esgotando o diálogo e a insistência no entendimento da diferença cultural-político-económica”. Ao recusarmos quaisquer hipóteses de interação, de diálogo com o outro, ao nos limitarmos em ideias pré-concebidas, desviando-nos de toda a autocritica que a proximidade do outro poderá trazer, fugimos à via da conciliação e alimentamos um mundo de enganos e falsidades.

Segundo Coelho (2004), “Portugal tem uma história particular entre as comunidades muçulmanas europeias”, já que foi um dos países que recebeu os primeiros imigrantes muçulmanos na sequência dos processos de descolonização.

O olhar dos “outros” pode tornar-se mais incómodo quando atentados como os de Madrid ou os dos EUA são reivindicados por grupos que dizem agir em nome do Islão. Nina (*cit. in* Coelho, 2004) considera fundamental não confundir comunidades muçulmanas com grupos radicais “que não têm qualquer apoio entre aqueles”. Os muçulmanos europeus têm tanto medo desses radicais como quaisquer outros cidadãos europeus. Por isso, é essencial evitar preconceitos.

Conforme o site da Comunidade Islâmica de Lisboa, estima-se que existam cerca de 40.000 muçulmanos em Portugal. Os membros da comunidade são oriundos na sua maioria de Moçambique e Guiné-Bissau, bem como algumas pessoas provenientes do Norte de África (Marrocos e Argélia), Paquistão, Bangladesh e membros das diversas embaixadas de países árabes acreditados em Portugal. Estes números correspondem a estimativas, porque não existem dados oficiais conclusivos.

Segundo Tiesler (2010, p. 414) os números oficiais fornecidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e dos censos não refletem a realidade, sendo estes números geralmente mais baixos do que as estimativas dos investigadores e das próprias comunidades. Por exemplo, segundo os censos de 2001, a população total de Portugal era 10.356.117, dos quais 12.014 foram declarados como muçulmanos. A razão para estes números baixos é a de que a filiação religiosa não é uma questão obrigatória nos censos.

De acordo com Forte (2004), a maior parte dos mais de quatro mil muçulmanos residentes no Grande Porto são provenientes de Moçambique e “foram, aliás, os primeiros a chegar” segundo Abdul Rehman Mangá (*cit. in* Forte, 2004), presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). A mesquita e o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), na Rua do Heroísmo, servem de ponto de encontro religioso e local de apoio à integração no país. Adélia Martins (*cit. in* Forte, 2004), portuense que frequenta a zona, com o olhar curioso na fila de sapatos à entrada da mesquita, diz não saber “para que serve aquilo”.

Conforme o diretor da Fundação Al-Andaluz¹, Jerónimo Paez (*cit. in* Lusa, 2008) “há um Portugal muçulmano impressionante que permanece praticamente desconhecido (...) quando poderia servir como elemento unificador para o diálogo intercultural”. Segundo Paez (*cit. in* Lusa, 2008):

Temos que apostar de novo na aproximação, deixando de sobrevalorizar a dimensão económica e passando a valorizar a cultural. (...) Este pavilhão é exemplo de que a cultura pode (...) ajudar a cimentar o diálogo intercultural. Temos que deixar de pensar no nós e eles. Esta cultura é nossa também. E quanto mais rápido essa consciencialização ocorrer, melhor será o diálogo entre culturas e sociedades. (...) Para chegar a projetos politicamente ambiciosos como a aliança das civilizações, temos que partir de conhecer essa história comum e fazê-la nossa. Temos que conhecer a nossa cultura e depois dar a conhecer aos (...) muçulmanos.

A presença muçulmana não atraía muita atenção antes do 11 de setembro, que deu origem à curiosidade e a perguntas sobre o Islão e os muçulmanos. A mais recente ocasião em que a Comunidade Islâmica Portuguesa se tornou parte de uma polémica pública ocorreu em janeiro de 2009. De acordo com o Jornal de Notícias (2009), a 13 de janeiro, o Cardeal Patriarca de Lisboa, José Policarpo, deixou um conselho às mulheres portuguesas, recomendando-lhes “cautela com os amores. Pensem duas vezes em casar com um muçulmano, pensem muito seriamente, é meter-se num monte de sarilhos que nem Alá sabe onde é que acabam”. A notícia teve impacto internacional e foi abordada em jornais como o *USA Today*, o *International Herald Tribune* e o *Daily Mail* (Tiesler, 2010, p. 421).

As declarações de D. José Policarpo só vêm salientar a presença da ignorância em relação à religião islâmica, que ainda existe em Portugal, e podem ser interpretadas

¹ Al-Andalus foi o nome dado à península Ibérica pelos seus conquistadores islâmicos do século VIII, tendo o nome sido utilizado para se referir à península independentemente do território politicamente controlado pelas forças islâmicas.

como uma chamada de atenção para o respeito pelas diferenças religiosas e conhecimento das outras religiões a fim de uma convivência estável. As grandes religiões têm todas o mesmo objetivo, apenas divergem nos caminhos para chegar ao mesmo sítio. O importante é ultrapassar divergências e chegarmos à conclusão de que queremos todos a mesma coisa, que é criar um mundo mais harmonioso, mais fraterno e equilibrado e criarmos uma cultura de paz e de mútuo respeito.

Num depoimento publicado no Público, de 15 de janeiro de 2009, Faranaz Keshavjee² chama a atenção para a existência de diferentes práticas, tradições e leituras de fé diferenciadas entre os 1,2 mil milhões de muçulmanos do mundo. A sua célebre afirmação ressalva ainda mais esta ideia: “conhecer os muçulmanos não passa só por ler o Alcorão, mas por conviver com eles e escutá-los”.

Segundo o ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (2004), o Hospital de Santa Marta realizou um ciclo de conferências com o intuito de aumentar a consciência dos profissionais sobre as diferenças e necessidades de doentes com culturas e religiões diferentes. A primeira conferência “Contributos para melhor cuidar o doente Muçulmano” teve lugar no dia 25 de novembro, no Auditório do Hospital de Santa Marta. O objetivo deste projeto seria aumentar o conhecimento dos profissionais sobre crenças religiosas e tradições, necessidades especiais de alimentação, acompanhamento durante e após a morte e outros aspetos distintivos das principais culturas e religiões, para que os cuidados sejam planeados individualmente de forma a garantir o bem-estar físico, intelectual, emocional, espiritual e social dos doentes (ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2004).

Ainda de acordo com o ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (2012), a Comissão Nacional da Pastoral da Saúde organizou um manual que ensina os ritos de onze religiões aos profissionais de saúde. O manual da “Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar” permite aos profissionais de saúde incrementar, junto dos doentes, uma “terapia mais próxima”, respeitando as suas crenças religiosas (ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2012).

² Faranaz Keshavjee é socióloga, professora universitária, investigadora de temas islâmicos e autora do blogue do Expresso "Crónicas de uma muçulmana".

Estes exemplos de projetos revelaram-se úteis e coerentes, contudo a integração deve ser feita a todos os níveis e não só ao nível da Saúde, e para isso é importante incentivar as pessoas a conhecer “o outro” para um despertar das consciências.

O Programa Nós, emitido na RTP 2, tem vindo a desenvolver um trabalho de informação e divulgação junto da sociedade civil. Este projeto, em 2008, decidiu abordar o tema “O Islão em Portugal”. Neste programa, que contou com a presença do Sheikh David Munir, responsável pela Mesquita Central de Lisboa, foi possível conhecer mais sobre o Islão em Portugal, através de histórias de muçulmanos que vivem no Porto (ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008), com o objetivo de dar a conhecer aos portugueses a cultura muçulmana.

Outro exemplo de projeto é a rede de investigação Muçulmanos em Espaços Lusófonos, MEL – Net, criada em 2005. A MEL – Net foi fundada por Nina Clara Tiesler, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL) e tem como principal objetivo facilitar a partilha de informação e intercâmbio, mas neste caso apenas entre investigadores que se dedicam ao estudo do Islão e das populações muçulmanas em espaços lusófonos (Observatório da Imigração, 2005).

A nível académico, é ainda possível destacar, como um projeto que pretende contribuir para a visibilidade da comunidade muçulmana do Porto, uma dissertação de mestrado concluída em 2006 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto por Adriana Oliveira. Esta investigação apresenta como principal objetivo “estudar o modo como um grupo de muçulmanos [que pertencem à comunidade muçulmana do Porto] analisa o conteúdo de um conjunto de notícias, sobre muçulmanos, publicadas na imprensa nacional” (Oliveira, 2006, p. 10), e explora ainda a questão da fraca visibilidade na imprensa da comunidade muçulmana em Portugal, mais concretamente da comunidade muçulmana do Porto, assunto que é igualmente abordado no presente trabalho.

CAPÍTULO II – Da teoria à prática

1. O projeto: justificação e pertinência

A seleção da informação foi efetuada através de uma busca sistemática de bibliografia que permitiu conhecer o campo de pesquisa e situações específicas que demonstram a relevância deste projeto. Ao longo do primeiro capítulo foram destacados e referenciados centros de investigação, revistas, relatórios, artigos de jornais, investigadores que se dedicam ao tema do projeto, entre outros. Deste modo, o capítulo anterior apresenta-se como uma tentativa de perceber a informação existente sobre o Islão assim como projetos de divulgação/integração da comunidade muçulmana em Portugal que foram desenvolvidos até à presente data.

Da pesquisa realizada foram encontradas duas conclusões de extrema importância, que permitem justificar este projeto: os muçulmanos sentem-se bem recebidos no Porto mas afirmam que ainda há preconceito; os muçulmanos criticam as pessoas que escrevem ou falam sobre o Islão sem conhecerem bem a Religião Islâmica. É neste contexto e na sequência destes pressupostos e referências que se torna pertinente aprofundar o conhecimento acerca da cultura muçulmana, dos seus valores, crenças, hábitos, normas e costumes. O significado do presente relatório de estágio advém precisamente do facto de este ter como intuito fundamental promover o diálogo intercultural, diagnosticar e combater a discriminação e progredir na inclusão dos muçulmanos.

Com o objetivo de prevenir uma possível emergência de discriminação contra crentes islâmicos, a importância deste projeto é também demonstrada através da lacuna de dados existente sobre a comunidade muçulmana do Porto. No desconhecimento de projetos divulgados nesta linha de investigação, parece pertinente avaliar a situação e atuar sobre a mesma, de modo a contribuir para uma melhor inclusão da comunidade muçulmana do Porto. Para tal, no decorrer da realização do projeto, mostrou-se necessário realizar um estágio na instituição SOS Racismo, que apresenta objetivos em comum com este estudo, como a promoção da integração social e a luta contra a exclusão, sendo que os objetivos comuns foram determinantes para a sua escolha como instituição de estágio. O SOS Racismo, como instituição de estágio, permitiu completar

o estudo já que mantém o contacto com elementos da comunidade muçulmana do Porto, o que incentivou à participação e facilitou a adesão dos indivíduos da comunidade muçulmana do Porto às atividades desenvolvidas. Esta instituição foi ainda a primeira opção para a realização do estágio dado que, para além de ser uma instituição sem fins lucrativos onde todos são voluntários, o que vai de acordo com as minhas motivações pessoais, é ainda a principal instituição do Porto que se dedica à luta contra qualquer tipo de discriminação.

1.1. Os objetivos, a formulação do problema e a questão de partida

O presente relatório de estágio tem como tema o Islão em Portugal, centrando-se mais concretamente na comunidade muçulmana do Porto e, neste sentido, o objetivo geral, que norteia a elaboração do projeto e do presente relatório de estágio, consiste em prosperar um diálogo intercultural através da erradicação de preconceitos. O projeto elaborado pretende assim contribuir para a inclusão da comunidade muçulmana do Porto, procurando em particular concretizar os seguintes objetivos específicos:

Sensibilizar a sociedade portuense para a temática do Islão e contribuir para a visibilidade da comunidade muçulmana no Porto;

Conhecer a comunidade muçulmana do Porto assim como as suas ambições e projetos;

Aferir as principais dificuldades na integração da comunidade muçulmana e na sua relação com instituições públicas e autarquias;

Diagnosticar situações de discriminação dos muçulmanos e esclarecer eventuais focos de tensão entre a comunidade muçulmana e os portuenses;

Promover o conhecimento acerca da cultura muçulmana, dos seus valores, crenças, hábitos, normas e costumes.

Como corpo fundamental da investigação, em torno do objetivo central e dos objetivos específicos definidos, tentar-se-á responder ainda às seguintes interrogações: Quem é a comunidade muçulmana do Porto? Quais são as suas principais características? Quem a representa/quem são os seus líderes? Qual a sua relação com as entidades locais, como autarquias e organizações do Estado, como o Serviço de

Estrangeiros e Fronteiras (SEF)? Quais são os seus projetos futuros? Como é/foi a sua integração? Os muçulmanos do Porto sentem-se discriminados?

A formulação do problema é fundamental em qualquer trabalho de pesquisa e neste caso é facilmente perceptível: apesar do esforço para a sua integração e inclusão, a comunidade muçulmana ainda é excluída socialmente e vítima de preconceitos, devido à ignorância demonstrada sobre a religião islâmica. Todavia, é fundamental estabelecer um fio condutor para que ao longo do estágio nenhum dos objetivos seja esquecido e o estabelecimento desse fio condutor “consiste em procurar enunciar o projeto de investigação na forma de pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 31), pois, “toda a investigação se constrói a partir de uma questão intrigante. Mas para obter a resposta desejada, é preciso saber colocar a questão certa, a partir de um problema bem articulado” (Chevrier *cit. in* Gauthier, 2003, p. 65). Deste modo, o problema em análise passa pela seguinte pergunta de partida: Como melhorar a inclusão da comunidade muçulmana do Porto e dos muçulmanos que são vítimas de discriminação? É através desta pergunta de partida que o presente estágio encontra “as suas bases, o seu sentido e o seu alcance” (Chevrier *cit. in* Gauthier, 2003, p. 65).

1.2. As hipóteses teóricas e os conceitos

Uma vez estabelecidos os objetivos e formulados o problema e a questão de partida, é possível determinar as hipóteses teóricas deste projeto, sendo de realçar que a enunciação das mesmas constitui a melhor forma de realizar com ordem e rigor o presente estudo decorrente do estágio.

“Uma hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos, que, segundo os casos, podem ser conceitos ou fenómenos. Uma hipótese é, portanto, uma proposição que deve ser verificada” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 136), neste sentido, para Quivy e Campenhoudt (1998, p. 137):

A hipótese apresenta-se como uma resposta provisória à pergunta de partida da investigação. Para conhecer o valor desta resposta é necessário confrontá-la com dados de observação. (...) Na sua

formulação, a hipótese deve, pois, ser expressa sob uma forma observável. Isto significa que deve indicar, direta ou indiretamente, o tipo de observações a recolher, bem como as relações a verificar entre estas observações, para averiguar em que medida a hipótese é confirmada ou infirmada pelos factos.

Por conseguinte, a presente investigação norteia-se através das seguintes hipóteses teóricas:

O desconhecimento sobre a cultura islâmica promove atitudes discriminatórias e de exclusão social;

O desempowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, condiciona o exercício pleno da sua cidadania;

Quanto mais o Estado e o Terceiro Setor se focam no empowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, mais provável é a sua integração e inclusão social.

Se examinarmos a História da Humanidade, verificámos que o Homem tende a temer o que é desconhecido e a aceitar o que é semelhante. Assim, dar-se-á a conhecer aos portuenses a comunidade e a religião muçulmana, com o intuito de acabar com preconceitos, sendo esta a hipótese teórica prevista como resposta à questão de partida formulada.

Os conceitos são considerados “uma construção abstrata que visa dar conta do real. Para isso não retêm todos os aspetos da realidade em questão, mas somente o que exprime o essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 121). Neste sentido, para uma melhor compreensão das hipóteses teóricas apresentadas, torna-se relevante ter em consideração os seguintes conceitos:

Exclusão Social: Produzem-se situações de exclusão social porque a sociedade não oferece a todos os seus membros a possibilidade de todos esses direitos nem de cumprir alguns deveres que lhes estão associados (...). O resultado é o das pessoas desfavorecidas perderem o estatuto de cidadania plena, quer dizer, se verem impedidos de participar nos padrões de vida tidos por aceitáveis na sociedade em que vivem (Capucha, 1998, p. 211). A exclusão configura-se como um fenómeno multidimensional, na medida em que coexistem, dentro da exclusão, fenómenos sociais diferenciados, tais como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, o estigma, etc. (Maia, 2002, p. 154).

Disempowerment: Condição de desempowerment sistemático pela qual condições estruturais implícitas mantêm pobres os pobres e confinam o seu acesso ao poder social ao nível de sobrevivência diária. (...) As pessoas desempowerment, especialmente as que vivem abaixo do nível de pobreza - embora não apenas estas, porque a exclusão pode assentar também noutros motivos, tais como o racismo ou o sexismo -, não têm o necessário poder social para exercer significativamente direitos políticos. Por

não terem poder social excedente para converter, a sua participação política depende, em última instância, de uma solução para o problema da subsistência (Friedmann, 1996, p. 75-80).

Cidadania: É responsabilidade perante nós e perante os outros, consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou o que está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e ação que se pensa (Jorge Sampaio *cit. in* Henriques, 1999, p. 4).

Terceiro Setor: Setor económico diferente do setor público e do setor privado lucrativo, e integrando realidades sociais heterogêneas e difusas, constituídas por um conjunto diverso de organizações: as associações, as cooperativas e as mutualidades, entre outras formas institucionais por vezes incluídas, como as fundações, os sindicatos, os clubes recreativos, as organizações religiosas. (...) A relevância do Terceiro Setor tem vindo a ser equacionada em vários domínios: no domínio económico, no domínio do emprego e da luta contra o desemprego, na luta contra a exclusão social, no desenvolvimento local, entre outros (Quintão, 2004, p. 1).

Empowerment: Todo o acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania (Friedmann, 1996, p. 8).

Inclusão Social: Vertente da inserção social, entendida enquanto instrumento de envolvimento e de participação nas várias áreas da vida social. A principal característica da inclusão social é impedir a emergência de formas de anomia e de desintegração que afetam cumulativamente todas as dimensões da vida dos indivíduos (familiar, laboral, cultural, entre outras) (Rodrigues, 2006, p. 34).

A explicação destes conceitos revela-se pertinente na medida em que a relação entre os mesmos fornece pistas de orientação para a análise da problemática em estudo, pois, a articulação dos diferentes conceitos permite, além de descrever o que cada hipótese teórica procura apreender, estabelecer horizontes de resposta à pergunta de partida.

2. A instituição de estágio

O SOS Racismo é uma associação sem fins lucrativos, tendo sido atribuído o estatuto de utilidade pública em 1996, fundada a 10 de dezembro de 1990 em Lisboa (Dia Universal dos Direitos do Homem) e propõe uma sociedade mais justa, igualitária e intercultural onde todos, nacionais e estrangeiros com qualquer tom de pele, possam

usufruir dos mesmos direitos de cidadania. A associação esforça-se ainda no sentido de colaborar com outras associações antirracistas e de imigrantes a nível nacional.

Esta organização tem por finalidade a luta contra o Racismo, Xenofobia e todas as formas de Discriminação e a afirmação dos princípios da Dignidade da Pessoa Humana, da Igualdade e da Não Discriminação.

Como objetivos o SOS Racismo pretende: desenvolver políticas e práticas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e de maior respeito pela dignidade humana; desenvolver ações com vista à eliminação de qualquer tipo de Discriminação; desenvolver atividades propensas à criação de uma opinião pública atenta, esclarecida e interveniente; pugnar pela conceção de um quadro jurídico-legal suscetível de punir eficazmente comportamentos racistas e xenófobos; promover a integração social e lutar contra a exclusão.

Quanto às atividades desenvolvidas pela instituição, o SOS Racismo denuncia atos de discriminação às entidades competentes (ex. Ministério Público, Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial), apoia as vítimas e posiciona-se publicamente sobre todos os atos de discriminação, quotidiana ou institucional.

O presente estágio tem como alicerce um estudo que, como tem vindo a ser referido, procura apreender a problemática da inclusão da comunidade muçulmana do Porto e da erradicação de preconceitos e, nesse sentido, revelou-se fundamental que a realização do mesmo tivesse lugar numa entidade que lidasse com este tipo de problemáticas e daí ser tão pertinente que o referido estágio se desenvolvesse numa entidade como o SOS Racismo.

No momento da seleção das opções válidas e que mais interesse despertavam para a realização do estágio, a escolha desta instituição foi delineada pelas seguintes questões:

- Não sendo uma instituição que lida exclusivamente com a comunidade muçulmana do Porto qual será o auxílio que poderão prestar a um estágio que se foca em particular para uma comunidade?

- Tratando-se de uma instituição que luta contra qualquer tipo de discriminação, qual o papel e o reconhecimento desta instituição perante a comunidade do Porto?

Assim, a escolha do SOS Racismo para a realização do estágio revelou-se acertada devido a esta instituição manter o contacto com elementos da comunidade muçulmana do Porto, o que incentivou à participação e facilitou a adesão dos indivíduos da comunidade muçulmana do Porto às atividades desenvolvidas; devido a esta

instituição ser a principal instituição do Porto que se dedica à luta contra qualquer tipo de discriminação, pois é a mais ativa e a que apresenta resultados em concreto que podem ser facilmente verificados por uma simples pesquisa; mas também porque, tratando-se de uma instituição que lida com qualquer tipo de discriminação e realidades culturais distintas, é uma excelente oportunidade para entrar em contacto com valores e ideias diversificadas.

Como já foi referido anteriormente, o SOS Racismo, como instituição de estágio, permitiu completar o projeto já que apresenta objetivos em comum com o presente estudo, como a promoção da integração social e a luta contra a exclusão, sendo que os objetivos comuns e as atividades desenvolvidas pela organização foram determinantes para a sua escolha como instituição de estágio.

3. A metodologia

Na presente investigação revela-se pertinente definir qual o método mais eficaz para a apreensão da problemática da inclusão da comunidade muçulmana do Porto e da erradicação de preconceitos, e neste sentido, tendo em atenção os objetivos e a natureza do projeto optou-se pela investigação-ação como metodologia, considerada ajustada e exequível, pois dada a natureza dos objetivos oferece técnicas que pelas suas características permitem apreender os diversos tipos de informação necessários à construção do conhecimento científico desta realidade.

A investigação-ação é sinónimo de investigação aplicada ou prática, no sentido em que o investigador envolve-se ativamente numa situação, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Latorre (*cit. in* Coutinho, 2009, p. 365) refere mesmo que a investigação-ação é “uma metodologia de investigação, impregnada de métodos”.

Para uma investigação realizada segundo esta metodologia, tal como para qualquer ato de investigação, é sempre necessário pensar nas formas de recolher a informação que a própria investigação vai proporcionando. As técnicas e instrumentos mais utilizados na investigação-ação são a entrevista e o inquérito por questionário, que fazem parte das atividades de estágio realizadas, que serão analisadas no ponto seguinte.

Em suma, pode concluir-se que a investigação-ação pode recorrer a métodos qualitativos, quantitativos ou ambos, ou seja, à triangulação de metodologias, que significa combinar, articular, os métodos qualitativos e quantitativos e pode utilizar qualquer técnica de investigação conhecida, ou uma combinação entre elas. Deste modo, a investigação-ação revela-se como o método mais pertinente uma vez que ao procurar perceber de que forma é possível melhorar a inclusão da comunidade muçulmana do Porto, é fundamental dar voz ativa a quem está intimamente relacionado com esta realidade, ou seja, é necessário reconhecer e ouvir a comunidade muçulmana do Porto enquanto sujeito que elabora conhecimentos e produz práticas adequadas para intervir nos problemas que identifica, na medida em que, a mesma possui um conhecimento prático, bem como, representações relativamente elaboradas que orientam as suas ações individuais, pois, enquanto sujeito, a comunidade identifica os seus problemas, analisa-os, discrimina as necessidades prioritárias e propõe as ações mais eficazes (Chizzotti, 2000, p. 83) para o combate à discriminação e à formação de preconceitos que dificultam a sua inclusão na sociedade.

De acordo com as características do estudo, depreende-se um conjunto de condicionalismos. Face aos objetivos definidos o projeto permite obter o pretendido, contudo, não se pode deixar de referir alguns dos limites e potenciais obstáculos deste projeto de estágio, não para desculpar de eventuais erros e/ou lacunas, mas para evidenciar a consciência que se deve ter da distância existente entre os objetivos pretendidos e o objetivos produzidos.

Um primeiro limite tem a ver com o espaço de tempo definido para a concretização deste trabalho, nomeadamente para a recolha dos inquéritos por questionário. Para além desta limitação, o inquérito por questionário apresenta uma desvantagem que deverá ser tida em consideração: as respostas aos inquéritos por questionário podem representar o que as pessoas dizem que pensam e não o que efetivamente pensam.

Um segundo limite tem a ver com a adesão da comunidade muçulmana do Porto. Serão consideradas todas as situações que visem a obtenção objetiva, livre e facultativa das informações pretendidas. Tomar-se-á a iniciativa de informar todos os intervenientes, ou seja a comunidade muçulmana do Porto e os respetivos dirigentes, dos objetivos reais do estudo, garantia de anonimato, no caso dos inquéritos por questionário, e ainda liberdade de responder total ou parcialmente às questões.

Apesar das limitações do estudo, poder-se-á ainda mencionar que, no que se refere ao número de muçulmanos inquiridos, a dimensão da amostra acabou por ser

satisfatória, uma vez que a diversidade foi descoberta, como se poderá constatar no último capítulo.

4. Atividades de estágio

Realizada uma reflexão sobre o contributo que o estágio poderia oferecer para o aprofundamento da problemática, bem como à organização que o acolheu, e para alcançar os objetivos específicos, foi elaborada uma proposta de atividades de estágio que se materializam através de:

Entrevistas a dirigentes e principais figuras da comunidade muçulmana do Porto, como é o caso do *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e do responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP);

Criação de um blogue para apresentar o Islão à comunidade;

Criação de uma base de dados de parceiros sociais para projetos com a instituição de estágio;

Inquéritos por questionário aos membros da comunidade muçulmana para análise e caracterização da comunidade.

A presente proposta de atividades foi aceite pela instituição de estágio, que sugeriu ainda, dentro das atividades já desenvolvidas pelo SOS Racismo, a criação de um ciclo de debates sobre cinema muçulmano.

As intenções de trabalho acima mencionadas constituem a parte fundamental deste relatório de estágio e pretendem, fundamentalmente, contribuir para uma cultura de diálogo entre a comunidade muçulmana e a restante população do Porto, recolher dados relativos à comunidade muçulmana que a permitam caracterizar, assim como reunir indicações úteis ao nível da constituição e da integração da comunidade e perceber as suas dificuldades na relação com as instituições e autarquias.

Por conseguinte, apresentar-se-á de seguida a caracterização e desenvolvimento de cada uma das atividades de estágio, que foram realizadas entre os meses de dezembro de 2011 e maio de 2012, sendo que, devido à importância do material e das opiniões recolhidas durante a realização das entrevistas e dos inquéritos por questionário, estes terão, respetivamente, um capítulo independente das outras

atividades de estágio realizadas, para que não se perca nenhuma informação recolhida e esta possa ser devidamente analisada.

4.1. As entrevistas

Segundo Ketele (1999, p. 18), no que concerne às entrevistas, estas consistem “num método de recolha de informações que consiste em conversas orais (...) com pessoas selecionadas cuidadosamente, cujo grau de pertinência, viabilidade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos de recolha de informações”.

A entrevista constituiu um instrumento de recolha de informação privilegiado neste trabalho. A amostra selecionada envolveu apenas dois muçulmanos: o *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e o responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), visto que o objetivo era entrevistar uma figura destacável da comunidade muçulmana do Porto e um dirigente.

Primeiramente foi pesquisada bibliografia sobre o tema e produzidos dois guiões³ para as entrevistas, um para a entrevista ao *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), e outro guião para a entrevista ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). Neste trabalho de investigação foram feitas entrevistas semiestruturadas ou, na terminologia de Bell (2002, p. 122) “entrevistas guiadas ou focalizadas”, tendo presente que uma entrevista consiste numa conversa entre duas pessoas com o objetivo de obter informações.

As questões não obedeceram totalmente à ordem prevista no guião pois dá-se uma certa liberdade ao inquirido, servindo o guião apenas como referência. Procedeu-se à gravação das duas entrevistas para garantir a sua fidedignidade. Efetuou-se um contacto telefónico prévio com os entrevistados, de modo a obter autorização para efetuar as entrevistas e proceder à respetiva marcação das mesmas. A primeira entrevista foi realizada ao *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), Amadu Camará, no próprio Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), teve a duração de cerca de 2 horas e 30 minutos e foi realizada na segunda semana do mês de dezembro. A

³ Consultar Apêndice 1 e 2.

segunda entrevista foi realizada ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), Abdellah Bouazza, teve a duração de cerca de 2 horas, foi efetuada num café no Porto, a pedido do próprio responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e foi efetuada na terceira semana do mês de janeiro. Ambas as entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador.

É ainda importante referir que as entrevistas foram realizadas a “informantes privilegiados” ou “testemunhas privilegiadas” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 69). Neste contexto, entende-se como informantes privilegiados aqueles que possuem informações importantes para o desenvolvimento das atividades propostas. Ainda a este propósito, Costa (*cit. in* Silva e Pinto, 1986, p. 132) destaca que nos processos de investigação “é frequente arranjar informantes privilegiados, interlocutores preferenciais com que contacta mais intensamente, ou de quem obtém mais informações sobre aspetos a que não pode ter acesso direto”. E Costa (*cit. in* Silva e Pinto, 1986, p. 139-140), acrescenta ainda que:

Por vezes estes informantes privilegiados são escolhidos por terem lugares de preponderância na unidade social em estudo. (...) Isso quer também dizer que têm uma visão particular das coisas, a qual o investigador tem que procurar captar e levar em consideração (...). Os relacionamentos preferenciais do investigador com algumas personagens abrem umas portas mas fecham outras. É necessário gerir muito bem esses relacionamentos. Nem sempre é possível, nem desejável, evitar tomar partido – mas é obviamente vantajoso não criar laços demasiados unilaterais.

A primeira entrevista, realizada ao *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), teve como objetivo a criação de um blogue, atividade que será apresentada ainda neste capítulo. A segunda entrevista, efetuada ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), teve como objetivo recolher informações sobre o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), sendo que esta atividade será apenas discutida no próximo capítulo, para que, como referido anteriormente, não se perca nenhuma informação recolhida e esta possa ser devidamente analisada.

4.2. O blogue

Uma das atividades realizadas durante o relatório do estágio foi a criação de um blogue, denominado por Islão Online e pode ser acedido através do link: <http://www.islaoonline.blogspot.pt>

Este blogue surge com o objetivo de informar e sensibilizar para a descoberta do Islão. Porque ainda há dúvidas e preconceitos sobre esta religião em expansão, considera-se que o caminho para o diálogo e compreensão é o conhecimento. Os textos publicados neste blogue são o resultado da entrevista realizada ao *Imam* (líder da oração) Amadu Camará, do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), com o intuito de dar voz a quem vive e sabe falar sobre o Islão, pois, uma das conclusões da pesquisa realizada, já referida neste relatório de estágio, é a crítica que os muçulmanos fazem em relação às pessoas que escrevem ou falam sobre o Islão sem conhecerem bem a Religião Islâmica.

Depois de analisada, a entrevista realizada ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), Abdellah Boazza, também foi publicada no blogue, já que a ideia era precisamente disponibilizar neste blogue tudo o que se demonstrasse interessante, útil e adequado no desenrolar das atividades de estágio.

Para além das entrevistas, foram ainda publicadas mensagens dedicadas ao ciclo de debates sobre cinema muçulmano, atividade que será discutida mais pormenorizadamente ainda neste capítulo, com o objetivo de divulgação do mesmo.

Na totalidade, foram publicadas 16 mensagens no blogue, entre dezembro de 2011 e maio de 2012, na ordem que se segue e com os seguintes títulos: Apresentação; A História; As Crenças e os Ramos; Os Pilares – Parte I; Os Pilares – Parte II; Os Lugares Sagrados; O Alcorão e a Alimentação; Mulher no Islão – Parte I; Mulher no Islão – Parte II; Os Muçulmanos do Porto; O Centro Cultural Islâmico do Porto; Projetos do Centro Cultural Islâmico do Porto; Debates Sobre Cinema Muçulmano # 1; Debates Sobre Cinema Muçulmano # 2; Debates Sobre Cinema Muçulmano # 3; Debates Sobre Cinema Muçulmano # 4⁴.

⁴ Consultar Apêndice 3. Para mais informações consultar o blogue Islão Online: <http://www.islaoonline.blogspot.pt>

4.3. A base de dados de parceiros sociais

Todos os fenómenos sociais são caracterizados pela totalidade e complexidade em que se encontram circunscritos e, assim sendo, também o fenómeno da discriminação e da exclusão dos muçulmanos não fica alheio a estas características, uma vez que, sendo este um fenómeno que interfere em todas as dimensões da vida humana é também muito difícil de lidar e combater. Por conseguinte, dado este carácter de totalidade e complexidade dos fenómenos sociais, ao longo do tempo o trabalho em parceria tem-se vindo a destacar como a forma mais eficaz de lidar com os fenómenos sociais que vão surgindo, na medida em que, cada parceiro social atua numa dimensão do fenómeno social, mas, através de um trabalho em equipa que identifica os problemas e debate de que forma cada parceiro social pode auxiliar no combate dos mesmos, permite rentabilizar o trabalho de cada parceiro social e responder de forma mais eficaz aos problemas.

Neste sentido, a criação de uma base de dados de parceiros sociais para projetos com o SOS Racismo, através do programa informático Access, revelou-se bastante pertinente, uma vez que, permite agrupar numa única base de dados todas as informações importantes relativamente a possíveis parceiros sociais, sendo que para além de organizar as informações das instituições tem ainda como mais-valia o facto de permitir um rápido acesso à informação, sempre que se verifique conveniente aos objetivos do SOS Racismo. Se por um lado é possível ter conhecimento de quais os possíveis agentes envolvidos no combate à discriminação, por outro lado será bastante proveitoso para o SOS Racismo ter uma base de dados que reúna informação sobre as entidades com as quais pode estabelecer parcerias, pois, isto permitir-lhe-á ter numa única base de dados a agregação de informações úteis sobre as 151 entidades presentes na base de dados.

Por conseguinte, procedeu-se a uma vasta pesquisa de forma a reunir a informação necessária para a construção da referida base de dados, sendo de salientar que durante todo o período de estágio existiram vários momentos de pesquisa para uma constante atualização da base de dados e, deste modo, uma vez reunida a informação criou-se a base de dados de parceiros sociais para projetos com o SOS Racismo que contém as seguintes informações acerca das entidades: nome do parceiro social,

morada, telefone ou telemóvel, e-mail, site, responsável ou presidente da direção da entidade e, por fim, observações, onde é descrita uma breve apresentação da entidade.

Assim sendo, a construção desta base de dados permite auxiliar de forma mais eficaz a comunicação entre o SOS Racismo e os seus possíveis parceiros sociais, uma vez que, reúne um conjunto de informações úteis sobre estas entidades possibilitando uma maior dinamização de trabalho.

4.4. Os inquéritos por questionário

O inquérito por questionário⁵ foi aplicado aos membros da comunidade muçulmana, com o intuito de conhecer a comunidade muçulmana do Porto e para análise e caracterização da comunidade. Deste modo, os inquéritos por questionário foram empregues a 106 muçulmanos residentes no Porto. A seleção da amostra não foi realizada aleatoriamente, sendo que a técnica de amostragem utilizada designa-se por amostragem tipo “Bola de Neve”. Nesta técnica, escolhe-se inicialmente um grupo de entrevistados, que após serem entrevistados, identificam outros elementos que pertençam à população-alvo de interesse. Esse processo permite estimar características, contudo consome tempo e é normalmente utilizado quando os elementos da população são de difícil acesso ou identificação e estão inter-relacionados por redes de conhecimento. Este tipo de amostra é utilizada quando se pretende estudar uma população específica ou os chamados casos excepcionais, sendo neste caso os muçulmanos da comunidade do Porto. Assim, procurou-se uma pessoa com as características pretendidas para a amostra, perguntou-se à pessoa se queria participar na investigação e se conhecia alguém com as mesmas características. Desta forma, essa pessoa recomendou outra e a outra recomendou mais uma, criando-se assim uma bola de neve até ter sido obtido o número de pessoas pretendido para a constituição da amostra.

Optou-se pelo uso do inquérito por questionário pois este facilita a recolha de informações sobre um grande número de indivíduos e permite comparar as respostas

⁵ Consultar Apêndice 4.

dos inquiridos. Na elaboração dos questionários tentou-se garantir o seu rigor, pelo que, antes da sua elaboração, definiu-se com rigor os tipos de pergunta a fazer, os tipos de resposta adequados e o método para análise dos dados. O programa utilizado para auxiliar no tratamento dos dados dos inquéritos por questionário foi o Access. A análise estatística dos dados é apresentada no último capítulo, recorrendo ao uso de tabelas, pois o inquérito por questionário “consiste, em suscitar um conjunto de discursos individuais, em interpretá-los e generalizá-los” (Ghiglione e Matalon, 1995, p. 2).

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p. 190), “o questionário chama-se de «administração indireta» quando o próprio inquiridor o completa a partir das respostas que lhe são fornecidas pelo inquirido”. Ainda de acordo com Quivy e Campenhoudt (1992, p. 190), esta é a melhor forma de aplicar os questionários “dado que as perguntas são muitas vezes mal interpretadas e que o número de respostas é demasiado fraco [quando utilizada a administração direta]”, e como tal os inquéritos por questionário foram aplicados por administração indireta.

À medida que se foram desenvolvendo os inquéritos por questionário, ficou cada vez mais claro que existiam muçulmanos que falavam mais abertamente sobre a comunidade e outros que apesar de se mostrarem disponíveis para responderem às questões colocadas, assumiam uma posição de maior distanciamento. Por isso, não foi fácil estabelecer diálogo com pessoas que apesar de se mostrarem disponíveis para colaborar, mostravam-se hesitantes em determinadas questões. Outro obstáculo muitas vezes encontrado era a língua, já que muitos dos inquiridos não sabiam falar bem a língua portuguesa.

O inquérito por questionário apresenta um total de 22 questões, com diversas alíneas. As questões são maioritariamente fechadas, contudo, algumas são de resposta aberta para que se desse liberdade ao inquirido de justificar algumas das suas respostas, justificações que se foram demonstrando relevantes para caracterizar a comunidade e que serão analisadas no último capítulo.

O questionário está dividido em 4 grupos: o primeiro grupo de questões destina-se à recolha de dados pessoais; o segundo grupo pretende reunir informações sobre a relação dos inquiridos com a religião; o terceiro grupo tem o propósito de compreender as causas da emigração; e por último, o quarto grupo de questões tenciona compilar informações sobre o processo de integração dos muçulmanos, na comunidade do Porto.

Os inquéritos por questionário foram aplicados durante os meses de dezembro de 2011, janeiro e fevereiro de 2012, com a presença do inquiridor. O preenchimento de cada inquérito por questionário teve a duração de cerca de 30 minutos.

Como já foi mencionado, no último capítulo vai ser feita uma descrição e análise mais pormenorizada dos inquéritos por questionário realizados, para que, como referido anteriormente, não se perca nenhuma informação recolhida e esta possa ser devidamente analisada.

4.5. Ciclo de debates sobre cinema muçulmano

Como já foi mencionado anteriormente, dentro das atividades já desenvolvidas pela instituição de estágio, o SOS Racismo sugeriu a criação de um ciclo de debates sobre cinema muçulmano.

As sessões foram realizadas durante os meses de abril e maio de 2012, na sede do SOS Racismo e foram abertas ao público. Foram visualizados no total 4 filmes, sempre como pano de fundo o Islão e com o intuito de debater a Religião.

O primeiro filme escolhido foi o “Partition”, realizado em 2007, por Vic Sarin. Em seguida foi apresentado “Tradição é Tradição”, de 1999, um filme de Damien O’Donnell. O terceiro filme a ser visualizado foi “Uma Separação”, realizado em 2011 por Asghar Farhadi. Por último, foi mostrado o “Persépolis”, de 2007, um filme de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud⁶.

Esta atividade de estágio revelou-se bastante interessante, em primeiro lugar devido à partilha de ideias que é sempre enriquecedora, e em segundo lugar porque permite ter a noção das diferentes visões que cada participante do ciclo de debates sobre cinema tem sobre os filmes e sobre o Islão.

A realização de todas as atividades de estágio revela-se bastante apropriada já que, se por um lado estas permitem contribuir com informações pertinentes para o SOS Racismo, por outro lado, como se pode verificar nos próximos capítulos, contribuem

⁶ Para mais informações sobre os filmes exibidos, incluindo as sinopses de cada filme, consultar o blogue Islão Online em: <http://www.islaoonline.blogspot.pt>

também para o aprofundamento das informações da comunidade em estudo, na medida em que permitem conhecer o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e caracterizar os muçulmanos da comunidade muçulmana do Porto.

CAPÍTULO III – A comunidade muçulmana e o Centro Cultural Islâmico do Porto

Devido à inexistência de bibliografia sobre a criação e desenvolvimento do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), este capítulo surge como resultado de duas entrevistas, ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), Abdellah Bouazza, e ao *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), Amadu Camará, e de testemunhos recolhidos durante os inquéritos.

A entrevista ao *Imam* do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), que ocorreu no próprio Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), serviu ainda de base para a construção de um blogue, atividade que foi discutida no capítulo anterior.

Já a entrevista ao responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) serviu como base fundamental para a construção deste capítulo. Decidi integrar, ainda neste capítulo, alguns comentários recolhidos durante os inquéritos, pois mostraram-se pertinentes para perceber o funcionamento do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e conhecer as dificuldades dos muçulmanos do Porto.

1. Os muçulmanos do Porto

Não é possível indicar o momento exato em que os primeiros muçulmanos chegaram ao Porto. Segundo os dados recolhidos, foi depois do 25 de Abril que o número de muçulmanos no Porto se revelou mais expressivo. Mas apesar de não ser do conhecimento de todos os muçulmanos, nesta altura existia já no Porto um grupo organizado, constituído inicialmente por cerca de dez muçulmanos, que vinham maioritariamente de Moçambique, da Guiné-Bissau e do Senegal e que garantiram a prática islâmica até à criação do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) em 1999.

Um dos primeiros muçulmanos a chegar ao Porto foi Abdellah Bouazza, em 1985, um Marroquino licenciado em Desporto. Foi um dos fundadores do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e atualmente é o seu responsável.

Conforme os dados recolhidos, entre 1986 e 1991 este grupo de muçulmanos encontrava-se no ginásio dos campeões. Precisamente em 1991 juntou-se ao grupo Abdul Rehman Mangá, natural de Moçambique, que devido a uma proposta de trabalho veio para o Porto. Foi também um dos fundadores do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e além de ser o presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) desde 2000, é também o muçulmano da comunidade muçulmana do Porto mais conhecido junto dos diferentes organismos políticos e sociais da cidade do Porto.

A maior parte dos muçulmanos que residem no Porto, de acordo com Abdellah Bouazza, são jovens trabalhadores com idades entre os 30 e 40 anos. A grande maioria são muçulmanos casados, que vivem com as suas famílias, enquanto que os solteiros vivem sozinhos ou com amigos da comunidade muçulmana.

De acordo com os dados recolhidos através das entrevistas, neste momento, estima-se que no Grande Porto residam cerca de 5 mil muçulmanos. A maioria deles frequenta o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), mas depende às vezes do trabalho e do local de residência. No grande dia de orações, que é a sexta-feira, nas festas religiosas e no mês do Ramadão, encontram-se muitos muçulmanos no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). Apesar de existirem outros centros de culto, o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) é considerado o grande representante da comunidade muçulmana do Norte do País.

A maioria dos muçulmanos residentes no Porto é da Guiné-Bissau, de Moçambique, do Senegal e de Marrocos. Surgem ainda os muçulmanos do Bangladesh, do Paquistão, da Índia, entre outros. Há assim uma grande diversidade de muçulmanos oriundos de diferentes países que se encontram no Porto.

Ainda de acordo com Abdellah Bouazza, a integração é sempre difícil, como qualquer imigrante que se desloca para um país estranho, por isso o centro funciona como um fator de ajuda à integração. É mais difícil a integração para os muçulmanos que vêm sem a família, pois chegam sozinhos para conseguirem emprego, casa e reunir as condições necessárias para receber a família. Outra dificuldade que muitos enfrentam é a língua.

Há ainda pessoas a converterem-se ao Islamismo no Porto. A maioria são estudantes e mulheres católicas, sendo que, neste momento, existem cerca de 20 convertidos no Porto. Abdellah Bouazza salienta ainda que a maioria converte-se para casar e não pela fé.

Uma das mulheres convertidas, que respondeu ao inquérito, salientou que não existe uma integração e acompanhamento dos convertidos. A muçulmana destacou que quando pode desloca-se a Lisboa, pois lá encontra mais apoio, e criticou a comunidade muçulmana pelo facto de ser muito fechada e não aceitar muito bem os convertidos. A muçulmana convertida, natural de Matosinhos, afirmou também que “não há qualquer esforço para integrar os convertidos”, por parte do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e da restante comunidade muçulmana, “através de [por exemplo] diversas atividades que poderiam desenvolver para tal”.

Vários inquiridos fazem fortes críticas à burocracia portuguesa, considerando ser este o problema de uma não adaptação perfeita ao país. Dão o exemplo de um muçulmano que foi detido por não ter a sua situação regularizada mas que já tinha feito o pedido ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) há mais de dois anos, sendo que por informações prestadas pelos inquiridos o SEF deveria emitir as legalizações dentro de 2 meses após o pedido. No entanto, afirmam adorar Portugal e o povo português graças ao seu carácter humilde.

2. A fundação do Centro Cultural Islâmico do Porto

Formalmente, o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) foi constituído em janeiro de 1999. Mas, na prática já existia muito antes, há 25 anos, quando quatro residentes muçulmanos se encontravam para fazerem as suas orações. O número de muçulmanos foi crescendo gradualmente, sendo que a década de 90 ficou marcada pelo crescimento do número de muçulmanos no Porto. Entretanto, surgiu a necessidade de legalizar um centro cultural, uma associação religiosa. Foi então que surgiu a ideia de criar o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). Em 2001 foi inaugurada a Mesquita *Hazrat Bilal* que funciona no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP).

O Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) está situado na Rua do Heroísmo, número 223, no Porto, e define-se como uma associação religiosa e cultural frequentada por muçulmanos que seguem a orientação Sunita. A grande quantidade de muçulmanos existente no Porto justificou assim a criação do centro.

Quanto à organização, o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) é constituído por uma direção, uma assembleia geral e um conselho fiscal. Todos os muçulmanos que ocupam cargos no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) têm uma profissão independente do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e nenhum está a tempo inteiro no centro, à exceção do *Imam* Amadu Camará.

De todas as utilidades do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) as mais importantes são o acolhimento e a integração dos muçulmanos que vêm para o Porto. Para além de ser um Lugar de Culto o centro pretende expandir informação sobre o Islão; auxiliar na adaptação à cidade do Porto; trocar opiniões; partilhar tradições incentivando, por exemplo, a não cobrir totalmente a mulher, já que se trata de uma prática exagerada relacionada com a cultura e não com a religião; inserir socialmente os muçulmanos na sociedade portuguesa; promover e incentivar à solidariedade, cooperação e aproximação a pessoas de outras religiões; induzir à união da comunidade muçulmana, para que haja coesão nas opiniões dos muçulmanos; aconselhar os muçulmanos com dificuldades financeiras que recorrem ao centro; tratar ainda de questões relacionadas com os funerais, que se processam de maneira diferente das outras religiões.

Uma forte curiosidade gira em torno da cultura muçulmana. Abdellah Bouazza revela que os portuenses não ficam alheios a esta situação e que procuram saber mais sobre a cultura. O Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) recebe visitas de alunos vindos de várias escolas e universidades. O responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) conta, que nestas iniciativas, os alunos ficam a conhecer a forma como é feito o culto islâmico e algumas noções sobre a religião. Os representantes do centro costumam receber várias solicitações para irem às escolas, a fim de divulgar a mensagem da religião e esclarecer algumas dúvidas, que os alunos possam ter em relação à religião. Regularmente, realizam-se ainda encontros entre as várias religiões existentes. Nestas reuniões, cada elemento aborda as principais características da religião que representa.

3. Os projetos do Centro Cultural Islâmico do Porto

Os projetos mais importantes para a comunidade muçulmana do Porto são apenas dois: uma mesquita e um talhão no cemitério.

Um dos principais objetivos do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) é a construção de raiz de uma mesquita. Depois de várias reuniões e tentativas de cedência de um terreno para a sua construção, por parte da Câmara Municipal do Porto, acabou por ser a Câmara Municipal de Gaia que cedeu um terreno e os muçulmanos aguardavam apenas o financiamento para a construção da mesquita. Segundo Abdellah Bouazza, a embaixada da Arábia Saudita financia a construção da mesquita, contudo, depois do 11 de setembro a Câmara Municipal de Gaia recuou na sua decisão de cedência do terreno, e a embaixada justifica a falta de dinheiro para a construção da mesquita com a crise económica mundial que atravessámos.

Este projeto é muito importante para a comunidade muçulmana pois, de acordo com Abdellah Bouazza, sem uma mesquita não há um local para debater a segurança e adaptação entre os muçulmanos; para incentivar à renúncia de ideologias fanáticas e agressivas; e para unir a comunidade muçulmana uma vez que há conflitos dentro da própria comunidade. Um exemplo de conflito, segundo Abdellah Bouazza, surge quando “os muçulmanos de origens árabes acham-se mais muçulmanos do que os do centro e sul de África”.

Apesar do intenso desejo da construção da mesquita, os muçulmanos reconhecem que de facto este não é o momento mais propício para a sua construção e aguardam por uma ocasião mais oportuna o mais brevemente possível.

O outro grande objetivo da comunidade muçulmana é a aquisição de um talhão no cemitério para uso exclusivo da comunidade. Este objetivo é justificável pela forma como as cerimónias fúnebres são cumpridas, uma vez que são completamente diferentes das cristãs e para os muçulmanos esses pormenores são muito importantes. Abdellah Bouazza salienta ainda que “a constituição permite que o Islão seja praticado no seu todo”. De facto, a 22 de junho de 2001 foi aprovada uma nova Lei da Liberdade Religiosa. Esperava-se que com esta nova lei estes problemas deixassem de existir, contudo nem sempre a lei é cumprida relativamente aos enterros dos muçulmanos. Efetivamente, a alínea b, do artigo 10º, capítulo II (Direitos de Participação Religiosa) da Lei da Liberdade Religiosa diz que “a liberdade de religião e de culto compreende o

direito de, de acordo com os respetivos ministros do culto e segundo as normas da igreja ou comunidade religiosa escolhida: b) Celebrar casamento e ser sepultado com os ritos da própria religião”. Oliveira (2006, p. 145) indica que a invisibilidade da comunidade muçulmana do Porto não significa que esta não deva ser considerada pela imprensa portuguesa e conclui ainda que “existem problemas que mereciam maior destaque na imprensa como, por exemplo, o facto de não terem um cemitério para enterrarem os mortos segundo os ritos islâmicos”.

Um facto curioso é que apesar da comunidade muçulmana do Porto ser legalmente reconhecida e apresentar-se convenientemente organizada, os seus objetivos são uma incógnita para a sociedade em geral.

CAPÍTULO IV – Muçulmanos da comunidade do Porto

A realização da atividade de estágio relacionada com a aplicação de inquéritos à comunidade muçulmana do Porto revelou-se bastante pertinente para conhecermos quem são, de facto, os muçulmanos do Porto e, mais do que isso, analisar os dados recolhidos de modo a assimilar regularidades sobre as características dessa mesma comunidade.

Assim sendo, apresentar-se-á de seguida a caracterização dos muçulmanos que pertencem à comunidade muçulmana do Porto, uma caracterização que terá em consideração todas as questões presentes no inquérito.

Na totalidade foram realizados 106 inquéritos a muçulmanos que fazem parte da comunidade muçulmana do Porto. Estes inquéritos foram realizados no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), em ruas do Porto onde se concentram um grande número de trabalhadores muçulmanos, como é o caso da Rua do Loureiro e Rua do Cativo, e ainda através de contactos da instituição de estágio. Todos os inquiridos tinham mais de 18 anos e não foram encontrados muçulmanos portugueses filhos de imigrantes.

1. Dados pessoais

Tabela 1: Sexo dos muçulmanos do Porto

Sexo	Feminino	20 (18.9%)
	Masculino	86 (81.1%)
Total		106 (100.0%)

Relativamente ao sexo dos muçulmanos do Porto, como indica a tabela 1, é possível verificar que a comunidade muçulmana do Porto é maioritariamente constituída por indivíduos do sexo masculino, visto que 86 dos muçulmanos inquiridos (81.1%) são

homens. Em relação ao sexo feminino, a comunidade muçulmana do Porto é representada apenas por 20 muçulmanas (18.9%). Esta diferença é explicada pelo facto de as mulheres muçulmanas serem mais difíceis de encontrar do que os homens, pois não frequentam o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e normalmente não trabalham. Para além disso, as mulheres, em geral, mostraram-se menos cooperantes que os homens e a maioria dos homens casados imigrantes afirmaram ainda não terem condições financeiras para trazerem as suas esposas para o Porto.

Tabela 2: Idade dos muçulmanos do Porto

Idade	20 a 30 anos	34 (32.1%)
	31 a 40 anos	41 (38.7%)
	41 a 50 anos	19 (17.9%)
	51 a 60 anos	12 (11.3%)
Total		106 (100.0%)

Através da tabela 2, é possível analisar a faixa etária dos muçulmanos do Porto, sendo que nesta análise o intervalo etário considerado contempla muçulmanos com idades entre os 20 e os 60 anos. Assim sendo, tendo em conta este intervalo, verifica-se que as idades dos muçulmanos que apresentam uma maior representatividade na comunidade muçulmana do Porto são as compreendidas entre os 31 a 40 anos, compostas por 41 muçulmanos (38.7%). No entanto, existem outras idades que detêm um peso considerável na comunidade muçulmana, como as compreendidas entre os 20 a 30 anos, constituídas por 34 muçulmanos (32.1%). De seguida encontramos as idades compreendidas entre os 41 a 50 anos, compostas por 19 muçulmanos (17.9%). E por fim, as idades que apresentam uma menor representatividade na comunidade muçulmana do Porto são as idades compreendidas entre os 51 a 60 anos, constituídas por 12 muçulmanos (11.3%).

Tabela 3: Estado civil dos muçulmanos do Porto

Estado civil	Solteiro	31 (29.3%)
	Casado	72 (67.9%)
	Vive junto	-
	Divorciado	2 (1.9%)
	Viúvo	1 (0.9%)
Total		106 (100.0%)

De acordo com a tabela 3, no que diz respeito ao estado civil, 72 (67.9%) dos muçulmanos do Porto são casados, 31 (29.3%) são solteiros, 2 (1.9%) são divorciados e apenas 1 muçulmano (0.9%) é viúvo. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Vive junto”.

Tabela 4: Muçulmanos do Porto casados com pessoas da mesma religião

Mesma religião	Sim	72 (100.0%)
	Não	-
Total		72 (100.0%)

Conforme a tabela 4, a totalidade dos 72 muçulmanos casados, são casados com pessoas da mesma religião, o que corresponde a 100.0% dos muçulmanos casados inquiridos.

Tabela 5: Países onde nasceram os muçulmanos do Porto

Países	Argélia	3
	(Argel)	(2.8%)
	Bangladesh	26
	(Chandpur; Dhaka; Feni; Tangail)	(24.5%)
	Egito	2
	(Almançora; Cairo)	(1.9%)
	Estados Unidos da América	1
	(Dallas)	(0.9%)
	Guiné-Bissau	9
	(Bafatá; Gabú; Paunca)	(8.6%)
	Índia	10
	(Bombaim; Hyderabad; Porbandar; Punjab; Rajkot)	(9.4%)
	Marrocos	
	(Agadir; Douar Kaalaa; Kenitra; Leghnadra; Marraquexe; Meknès; Ouarzazate; Rabat; Tânger)	44 (41.5%)
	Moçambique	2
	(Maputo)	(1.9%)
	Paquistão	2
	(Gujrat)	(1.9%)
	Portugal	5
	(Matosinhos; Porto)	(4.7%)
	Uzbequistão	2
	(Tashkent)	(1.9%)
Total		106 (100.0%)

Relativamente aos países onde nasceram os muçulmanos do Porto, através da tabela 5 é possível verificar que os países que detêm uma maior representatividade são Marrocos, representado por 44 muçulmanos (41.5%) e o Bangladesh, representado por 26 muçulmanos (24.5%). Num papel intermédio seguem-se a Índia, representada por 10 muçulmanos (9.4%), a Guiné-Bissau, por 9 muçulmanos (8.6%) e Portugal, por 5 muçulmanos (4.7%). Relativamente aos restantes países, a Argélia é representada por 3 muçulmanos (2.8%), o Egito, Moçambique, o Paquistão e o Uzbequistão são representados por 2 muçulmanos cada (1.9%), e os Estados Unidos da América é representado apenas por 1 muçulmano (0.9%).

Tabela 6: Nacionalidades dos muçulmanos do Porto

Nacionalidades	Americana	1 (0.9%)
	Angolana	1 (0.9%)
	Argelina	1 (0.9%)
	Bengali	23 (21.7%)
	Egípcia	1 (0.9%)
	Guineense	3 (2.8%)
	Indiana	8 (7.6%)
	Marroquina	36 (34.0%)
	Paquistanesa	1 (0.9%)
	Portuguesa	29 (27.4%)
	Uzbeque	2 (1.9%)
	Total	106 (100.0%)

No que concerne à nacionalidade dos muçulmanos do Porto, através da análise da tabela 6, é possível observar que a nacionalidade marroquina, representada por 36 muçulmanos (34.0%), é a que abrange o maior número de inquiridos, seguida da portuguesa, representada por 29 muçulmanos (27.4%), da nacionalidade bengali, representada por 23 muçulmanos (21.7%), e da indiana, representada por 8 muçulmanos (7.6%). A nacionalidade guineense surge representada por 3 muçulmanos (2.8%), a uzbeque por 2 muçulmanos (1.9%) e por fim, representadas apenas por 1 muçulmano cada (0.9%), apresentam-se as nacionalidades americana, angolana, argelina, egípcia e paquistanesa.

Tabela 7: Nível de escolaridade dos muçulmanos do Porto

Nível de escolaridade	Não sabe ler nem escrever	-
	Sabe ler e escrever	-
	Ensino básico 1º ciclo	28 (26.4%)
	Ensino básico 2º ciclo	21 (19.8%)
	Ensino básico 3º ciclo	22 (20.8%)
	Ensino secundário	22 (20.8%)
	Licenciatura	10 (9.4%)
	Pós-graduação	-
	Mestrado	3 (2.8%)
	Doutoramento	-
	Outro/a	-
Total		106 (100.0%)

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos muçulmanos, através da análise da tabela 7, é possível constatar que 28 muçulmanos (26.4%) possuem o 1º ciclo do ensino básico; 22 muçulmanos (20.8%) possuem o 3º ciclo do ensino secundário e outros 22 muçulmanos (20.8%) possuem o ensino secundário; 21 muçulmanos (19.8%) possuem o 2º ciclo do ensino básico; e, por fim, 10 muçulmanos (9.4%) possuem uma licenciatura e apenas 3 muçulmanos (2.8%) possuem um mestrado. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu as opções “Não sabe ler nem escrever”, “Sabe ler e escrever”, “Pós-graduação”, “Doutoramento”, e “Outro/a”.

Tabela 8: Profissões dos muçulmanos do Porto

Profissões	Advogado	1
		(0.9%)
	Carpinteiro	7
		(6.6%)
	Chefe de Cozinha	2
		(1.9%)
	Comerciante	69
		(65.2%)
	Contabilista	1
		(0.9%)
	Cozinheiro	2
		(1.9%)
	Economista	1
		(0.9%)
	Engenheiro Civil	1
		(0.9%)
	Engenheiro Informático	1
		(0.9%)
	Gestor de Empresas	1
		(0.9%)
	Pedreiro	8
		(7.6%)
	Podologista	1
		(0.9%)
	Professor de Educação Física	1
		(0.9%)
	Sacerdote	1
		(0.9%)
	Técnico de Recursos Humanos	1
		(0.9%)
	Tradutor	1
		(0.9%)
	Não tem profissão (nunca trabalhou)	7
		(6.6%)
Total		106
		(100.0%)

Relativamente às profissões dos muçulmanos do Porto, a tabela 8 permite verificar que 69 dos muçulmanos inquiridos (65.2%) são comerciantes; 8 muçulmanos (7.6%) são pedreiros; 7 muçulmanos (6.6%) são carpinteiros e outros 7 muçulmanos (6.6%) não têm profissão, pois nunca trabalharam; 2 muçulmanos (1.9%) são chefes de cozinha e outros 2 muçulmanos (1.9%) são cozinheiros; e, por fim, existe ainda 1 muçulmano (0.9%) advogado, 1 muçulmano (0.9%) contabilista, 1 muçulmano (0.9%) economista, 1 muçulmano (0.9%) engenheiro civil, 1 muçulmano (0.9%) engenheiro informático, 1 muçulmano (0.9%) gestor de empresas, 1 muçulmano (0.9%) podologista, 1 muçulmano (0.9%) professor de educação física, 1 muçulmano (0.9%) sacerdote, 1 muçulmano (0.9%) técnico de recursos humanos e 1 muçulmano (0.9%) tradutor.

Tabela 9: Condição perante o trabalho dos muçulmanos do Porto

Condição perante o trabalho	Empregado	72 (67.9%)
	Desempregado	33 (31.1%)
	Reformado	1 (0.9%)
	Outro/a	-
Total		106 (100.0%)

No que se refere à condição perante o trabalho dos muçulmanos do Porto inquiridos, podemos verificar, através da tabela 9, que 72 muçulmanos (67.9%) estão empregados, 33 muçulmanos (31.1%) estão desempregados e 1 muçulmanos (0.9%) está reformado. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Outro/a”.

Tabela 10: Situação perante o trabalho dos muçulmanos empregados do Porto

Situação perante o trabalho	Patrão	1 (1.4%)
	Trabalha por conta própria	12 (16.7%)
	Trabalha por conta de outrem	59 (81.9%)
Total		72 (100.0%)

No que diz respeito à situação perante o trabalho dos 72 muçulmanos do Porto que estão empregados, a tabela 10 permite verificar que 59 muçulmanos (81.9%) trabalham por conta de outrem, 12 muçulmanos (16.7%) trabalham por conta própria e apenas 1 muçulmano (1.4%) é patrão.

Tabela 11: Atividade laboral exercida pelos muçulmanos empregados do Porto

Atividade laboral	Advogado	1
		(1.4%)
	Carpinteiro	3
		(4.2%)
	Comerciante	30
		(41.7%)
	Consultor Jurídico	1
		(1.4%)
	Contabilista	1
		(1.4%)
	Cozinheiro	2
		(2.8%)
	Empregado de Mesa	10
		(13.9%)
	Engenheiro Civil	1
		(1.4%)
	Engenheiro Informático	1
		(1.4%)
	Operário Fabril	7
		(9.7%)
	Podologista	1
		(1.4%)
	Sacerdote	1
		(1.4%)
	Servente de Construção Civil	7
		(9.7%)
	Sócio-gerente de uma Empresa de Construção Civil	1
		(1.4%)
	Talhante	1
		(1.4%)
	Vendedor Ambulante	4
		(5.6%)
Total		72
		(100.0%)

Relativamente às atividades laborais exercidas pelos 72 muçulmanos empregados, a tabela 11 permite constatar que 30 muçulmanos (41.7%) são comerciantes; 10 muçulmanos (13.9%) são empregados de mesa; 7 muçulmanos (9.7%)

são operários fabris e outros 7 muçulmanos (9.7%) são serventes de construção civil; 4 muçulmanos (5.6%) são vendedores ambulantes; 3 muçulmanos (4.2%) são carpinteiros; 2 muçulmanos (2.8%) são cozinheiros; e, por fim, existe ainda 1 muçulmano (1.4%) advogado, 1 muçulmano (1.4%) consultor jurídico, 1 muçulmano (1.4%) contabilista, 1 muçulmano (1.4%) engenheiro civil, 1 muçulmano (1.4%) engenheiro informático, 1 muçulmano (1.4%) podologista, 1 muçulmano (1.4%) sacerdote, 1 muçulmano (1.4%) sócio-gerente de uma empresa de construção civil e 1 muçulmano (1.4%) talhante.

Tabela 12: Profissão e atividade laboral exercidas pelos muçulmanos do Porto

Profissão e atividade laboral	Igual	40 (55.6%)
	Diferente	32 (44.4%)
Total		72 (100.0%)

Através do cruzamento de dados, no que concerne à profissão e à atividade laboral exercidas pelos 72 muçulmanos empregados, segundo a tabela 12, 40 muçulmanos (55.6%) têm a mesma profissão e atividade laboral enquanto que 32 muçulmanos (44.4%) exercem uma atividade laboral diferente da sua profissão.

2. Religião

Tabela 13: Ramo do Islão a que pertencem os muçulmanos do Porto

Ramo do Islão	Sunita	106 (100.0%)
	Xiita	-
	Outro/a	-
Total		106 (100.0%)

De acordo com a tabela 13, no que diz respeito ao ramo do Islão a que pertencem os muçulmanos do Porto, os 106 muçulmanos inquiridos (100.0%) são sunitas. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu as opções “Xiita” e “Outro/a”.

Tabela 14: Muçulmanos do Porto que já nasceram no seio de uma família muçulmana

Nasceu no seio de uma família muçulmana	Sim	101 (95.3%)
	Não	5 (4.7%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 14, relativamente aos muçulmanos do Porto que já nasceram no seio de uma família muçulmana, 101 muçulmanos (95.3%) nasceram no seio de uma família muçulmana enquanto que 5 muçulmanos (4.7%) são convertidos.

Tabela 15: Idade dos muçulmanos do Porto convertidos aquando da conversão

Idade que tinham quando se converteram ao Islão	22 anos	2 (40.0%)
	24 anos	1 (20.0%)
	26 anos	1 (20.0%)
	32 anos	1 (20.0%)
Total		5 (100.0%)

Segundo a tabela 15, em relação à idade dos 5 muçulmanos do Porto convertidos, aquando da conversão, 2 muçulmanos (40.0%) tinham 22 anos, 1 muçulmano (20.0%) tinha 24 anos, 1 muçulmano (20.0%) tinha 26 anos, e 1 muçulmano (20.0%) tinha 32 anos.

Tabela 16: Motivos da conversão dos muçulmanos convertidos do Porto

Motivos da conversão ao Islão	Pela fé e por encontrar no Islão o que procuravam na religião	4 (80.0%)
	Para casar com uma muçulmana convertida	1 (20.0%)
Total		5 (100.0%)

Conforme a tabela 16, no que diz respeito aos motivos da conversão ao Islão dos 5 muçulmanos convertidos, 4 muçulmanos (80.0%) afirmaram tê-lo feito pela fé e por encontrarem no Islão o que procuravam na religião, e apenas 1 muçulmano (20.0%) afirmou que o fez para poder casar com uma muçulmana também convertida.

Tabela 17: Sexo dos muçulmanos convertidos do Porto

Sexo dos convertidos ao Islão	Feminino	3 (60.0%)
	Masculino	2 (40.0%)
Total		5 (100.0%)

Através do cruzamento de dados, no que concerne ao sexo dos 5 muçulmanos convertidos do Porto que foram inquiridos, segundo a tabela 17, 3 muçulmanos (60.0%) são do sexo feminino e 2 muçulmanos (40.0%) são do sexo masculino.

Tabela 18: Muçulmanos do Porto que se consideram praticantes

Muçulmanos praticantes	Sim	88 (83.0%)
	Não	18 (17.0%)
Total		106 (100.0%)

De acordo com a tabela 18, relativamente aos muçulmanos do Porto que se consideram praticantes, 88 muçulmanos (83.0%) são praticantes e 18 muçulmanos (17.0%) assumem-se como não praticantes.

Tabela 19: Motivo para os muçulmanos do Porto serem praticantes

Motivo para ser praticante	Segue alguns pilares	2 (2.2%)
	Segue os pilares/ensinamentos	81 (92.1%)
	Ser muçulmano é ser praticante	5 (5.7%)
Total		88 (100.0%)

No que diz respeito aos motivos para ser praticante, segundo a tabela 19, dos 88 muçulmanos que se assumiram como praticantes, 81 muçulmanos (92.1%) afirmaram sê-lo porque seguem os pilares/ensinamentos, 5 muçulmanos (5.7%) porque afirmaram que ser muçulmano é ser praticante, e 2 muçulmanos (2.2%) consideram-se praticantes porque seguem alguns pilares.

Tabela 20: Motivo para os muçulmanos do Porto não serem praticantes

Motivo para não ser praticante	Não acha importante seguir os pilares e não se sente menos muçulmano por isso	2 (11.1%)
	Não segue todos os pilares/ensinamentos	9 (50.0%)
	Não segue os pilares/ensinamentos	7 (38.9%)
Total		18 (100.0%)

Relativamente aos motivos para não ser praticante, segundo a tabela 20, dos 18 muçulmanos que se assumiram como não praticantes, 9 muçulmanos (50.0%) afirmaram não sê-lo porque não seguem todos os pilares/ensinamentos, 7 muçulmanos (38.9%) porque afirmaram que não seguem os pilares/ensinamentos, e 2 muçulmanos (11.1%) não acham importante seguir os pilares e não se sentem menos muçulmanos por isso.

Tabela 21: Muçulmanos do Porto que cumprem as cinco orações diárias

Ora cinco vezes ao dia	Sim	85 (80.2%)
	Não	21 (19.8%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 21, em relação aos muçulmanos do Porto que cumprem as cinco orações diárias, 85 muçulmanos (80.2%) fazem as cinco orações diárias obrigatórias enquanto que 21 muçulmanos (19.8%) não oram cinco vezes ao dia.

Tabela 22: Motivo para os muçulmanos do Porto orarem cinco vezes ao dia

Motivo para orar cinco vezes ao dia	É obrigatório	83 (97.6%)
	Faz parte	1 (1.2%)
	Sente-se bem	1 (1.2%)
Total		85 (100.0%)

No que diz respeito aos motivos para orarem cinco vezes ao dia, segundo a tabela 22, dos 85 muçulmanos que afirmaram fazer as orações diárias, 8 muçulmanos (97.6%) afirmaram fazê-lo porque é obrigatório, 1 muçulmano (1.2%) porque faz parte, e 1 muçulmano (1.2%) referiu como motivo sentir-se bem.

Tabela 23: Motivo para os muçulmanos do Porto não orarem cinco vezes ao dia

Motivo para não orar cinco vezes ao dia	Falta de tempo	4 (19.0%)
	Não acha importante	6 (28.6%)
	Por causa do trabalho	10 (47.6%)
	Por motivos de saúde não pode rezar da forma tradicional mas reza de outra forma	1 (4.8%)
Total		21 (100.0%)

Relativamente aos motivos para não orarem cinco vezes ao dia, segundo a tabela 23, dos 21 muçulmanos que assumiram não fazer as cinco orações diárias, 10 muçulmanos (47.6%) afirmaram não fazê-lo por causa do trabalho, 6 muçulmanos

(28.6%) porque não acham importante, 4 muçulmanos (19.0%) não fazem as orações por falta de tempo, e 1 muçulmano (4.8%) afirmou ainda que não pode rezar da forma tradicional, por motivos de saúde, mas reza de outra forma.

Tabela 24: Muçulmanos do Porto que dão a esmola

Dá a esmola	Sim	70 (66.0%)
	Não	36 (34.0%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 24, em relação aos muçulmanos do Porto que dão a esmola, 70 muçulmanos (66.0%) dão esmola enquanto que 36 muçulmanos (34.0%) declararam não dar.

Tabela 25: Motivo para os muçulmanos do Porto darem a esmola

Motivo para dar a esmola	É importante ser caridoso e ajudar os mais pobres	9 (12.9%)
	É obrigatório	53 (75.7%)
	Sente-se bem ao ajudar os outros	8 (11.4%)
Total		70 (100.0%)

No que concerne aos motivos para os muçulmanos darem esmola, segundo a tabela 25, dos 70 muçulmanos que dão esmola, 53 muçulmanos (75.7%) fazem-no porque é obrigatório, 9 muçulmanos (12.9%) afirmaram que é importante ser caridoso e ajudar os mais pobres, e 8 muçulmanos (11.4%) afirmaram sentir-se bem ao ajudar os outros.

Tabela 26: Motivo para os muçulmanos do Porto não darem a esmola

Motivo para não dar a esmola	Não tem dinheiro e não é obrigatório para quem não tem posses financeiras	36 (100.0%)
Total		36 (100.0%)

De acordo com a tabela 26, em relação aos motivos para os muçulmanos não darem a esmola, a totalidade dos 36 muçulmanos (100%) que dão esmola, afirmaram não ter dinheiro e não ser obrigatório dar esmola para quem não tem posses financeiras.

Tabela 27: Muçulmanos do Porto que praticam o jejum durante o Ramadão

Pratica o jejum durante o Ramadão	Sim	92 (86.8%)
	Não	14 (13.2%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 27, em relação aos muçulmanos do Porto que praticam o jejum durante o Ramadão, 92 muçulmanos (86.8%) praticam o jejum durante o Ramadão, enquanto que 14 muçulmanos (13.2%) não praticam o jejum durante o Ramadão.

Tabela 28: Motivo para os muçulmanos do Porto praticarem o jejum durante o Ramadão

Motivo para praticarem o jejum durante o Ramadão	É obrigatório	90 (97.8%)
	É uma forma de treinar a mente e de limpar o espírito	1 (1.1%)
	Sente-se bem	1 (1.1%)
Total		92 (100.0%)

No que diz respeito aos motivos para praticarem o jejum durante o Ramadão, segundo a tabela 28, dos 92 muçulmanos que afirmaram praticar o jejum durante o Ramadão, 90 muçulmanos (97.8%) afirmaram fazê-lo porque é obrigatório, 1 muçulmano (1.1%) porque é uma forma de treinar a mente e de limpar o espírito, e 1 muçulmano (1.1%) referiu como motivo sentir-se bem.

Tabela 29: Motivo para os muçulmanos do Porto não praticarem o jejum durante o Ramadão

Motivo para não praticarem o jejum durante o Ramadão	Não acha importante	6 (42.9%)
	Por causa do trabalho	8 (57.1%)
Total		14 (100.0%)

Relativamente aos motivos para não praticarem o jejum durante o Ramadão, segundo a tabela 29, dos 14 muçulmanos que assumiram não praticar o jejum durante o Ramadão, 8 muçulmanos (57.1%) afirmaram não fazê-lo por causa do trabalho, e 6 muçulmanos (42.9%) porque não acham importante.

Tabela 30: Muçulmanos do Porto que já fizeram a peregrinação a Meca

Fez a peregrinação a Meca	Sim	15 (14.1%)
	Não	91 (85.9%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 30, em relação aos muçulmanos do Porto que já fizeram a peregrinação a Meca, 91 muçulmanos (85.9%) nunca fizeram a peregrinação enquanto que 15 muçulmanos (14.1%) afirmaram já ter feito a peregrinação a Meca.

Tabela 31: Motivo para os muçulmanos do Porto fazerem a peregrinação a Meca

Motivo para fazerem a peregrinação a Meca	É obrigatório	15 (100.0%)
Total		15 (100.0%)

De acordo com a tabela 31, em relação aos motivos para os muçulmanos fazerem a peregrinação a Meca, a totalidade dos 15 muçulmanos (100%) que fizeram a peregrinação, afirmaram fazê-lo por ser obrigatório.

Tabela 32: Motivo para os muçulmanos do Porto não fazerem a peregrinação a Meca

Motivo para não fazerem a peregrinação a Meca	Custos da viagem são muito elevados	64 (70.3%)
	É muito novo	3 (3.3%)
	Falta de tempo e dinheiro	22 (22.2%)
	Não acha importante mas gostava de fazer a peregrinação com a mulher	1 (1.1%)
	Não tem condições físicas para fazer a viagem	1 (1.1%)
Total		91 (100.0%)

No que concerne aos motivos para os muçulmanos não fazerem a peregrinação a Meca, segundo a tabela 32, dos 91 muçulmanos que nunca fizeram a peregrinação, 64 muçulmanos (70.3%) nunca a fizeram porque os custos da viagem são muito elevados, 22 muçulmanos (22.2%) apresentaram como motivos a falta de tempo e de dinheiro, 1 muçulmano (1.1%) não acha importante mas gostava de fazer a peregrinação com a mulher, e ainda 1 muçulmano (1.1%) afirmou não ter condições físicas para fazer a viagem.

Tabela 33: Muçulmanos do Porto que pretendem fazer a peregrinação a Meca

Pretende fazer a peregrinação a Meca	Sim	86 (94.5%)
	Não	5 (5.5%)
Total		91 (100.0%)

Conforme a tabela 33, em relação aos muçulmanos do Porto que pretendem fazer a peregrinação a Meca, dos 91 muçulmanos que nunca fizeram a peregrinação, 86 muçulmanos (94.5%) ambicionam fazer a peregrinação, enquanto que 5 muçulmanos (5.5%) afirmaram não pretender fazer a peregrinação a Meca.

Tabela 34: Quando os muçulmanos do Porto, que ainda não fizeram a peregrinação, pretendem fazer a peregrinação a Meca

Quando pretende fazer a peregrinação a Meca	Um dia	85 (98.8%)
	Este ano	1 (1.2%)
Total		86 (100.0%)

De acordo com a tabela 34, relativamente aos muçulmanos que ainda não fizeram a peregrinação mas que pretendem fazer, dos 86 muçulmanos que pretendem fazer a peregrinação a Meca, 85 muçulmanos (98.8%) afirmaram apenas que farão a peregrinação um dia, e apenas 1 muçulmano (1.2%) confirmou que faria a peregrinação ainda este ano.

3. Causas da emigração

Tabela 35: Principais razões que levaram os muçulmanos do Porto a saírem dos seus países de origem

Principal razão que levou a sair do país de origem	Procura de melhores condições de vida	94 (93.1%)
	Prosseguimento de estudos	5 (4.9%)
	Questões Políticas	1 (1.0%)
	Outro/a	1 (1.0%)
	Total	101 (100.0%)

No que se refere às principais razões que levaram os muçulmanos do Porto a saírem dos seus países de origem, dos 101 dos muçulmanos imigrantes inquiridos, podemos verificar, através da tabela 35, que 94 muçulmanos (93.1%) procuravam melhores condições de vida, 5 muçulmanos (4.9%) vieram para prosseguir os estudos, 1 muçulmano (1.0%) imigrou para Portugal por questões políticas, e 1 muçulmano (1.0%) escolheu a opção “Outro/a”, afirmando que a razão que o levou a imigrar para Portugal foi porque a família da sua ex-mulher era portuguesa.

Tabela 36: Principais razões que levaram os muçulmanos a vir para o Porto

Razão da vinda para o Porto	Ter familiares/amigos no Porto	79 (78.2%)
	Proposta de trabalho	8 (7.9%)
	Gostar da cidade do Porto	11 (10.9%)
	Facilidade em arranjar trabalho	1 (1.0%)
	Outro/a	2 (2.0%)
Total		101 (100.0%)

No que diz respeito às principais razões que levaram os muçulmanos a vir para o Porto, através da análise da tabela 36, dos 101 muçulmanos imigrantes inquiridos, 79 muçulmanos (78.2%) afirmaram que vieram por ter familiares/amigos no Porto, 11 muçulmanos (10.9%) escolheram vir para o Porto por gostarem da cidade, 8 muçulmanos (7.9%) vieram devido a propostas de trabalho, 2 muçulmanos (2.0%) escolheram a opção “Outro/a”, sendo que, um dos dois inquiridos indicou que se sente mais seguro do que em Lisboa, cidade onde vivia anteriormente, e o outro inquirido apresentou como motivo a presença da família da ex-mulher no Porto, e por fim, apenas 1 muçulmano (1.0%) afirmou escolher a cidade do Porto pela facilidade em arranjar trabalho.

4. Integração na comunidade

Tabela 37: Apoio dado aos muçulmanos desde que chegaram a Portugal

Alguém o ajudou desde que chegou a Portugal	Sim	76 (75.2%)
	Não	25 (24.8%)
Total		101 (100.0%)

Conforme a tabela 37, em relação ao apoio dado aos muçulmanos desde que chegaram a Portugal, dos 101 muçulmanos inquiridos que imigraram, 76 muçulmanos (75.2%) afirmaram ter recebido ajuda desde que chegaram a Portugal, enquanto que 25 muçulmanos (24.8%) declararam não ter recebido qualquer tipo de ajuda.

Tabela 38: Quem ajuda os muçulmanos do Porto

De quem tem recebido ajuda	Familiares	46 (60.5%)
	Amigos e conhecidos do seu país de origem	28 (36.9%)
	Amigos e conhecidos portugueses	2 (2.6%)
	Centro Cultural Islâmico do Porto	-
	Organizações de solidariedade social	-
	Associações de imigrantes	-
	Organizações do Estado	-
	Outro/a	-
Total		76 (100.0%)

De acordo com a tabela 38, relativamente a quem ajuda os muçulmanos do Porto, dos 76 muçulmanos que recebem ajuda desde que chegaram a Portugal, 46 muçulmanos (60.5%) afirmaram receber apoio de familiares, 28 muçulmanos (36.9%) recebem ajuda de amigos e conhecidos do seu país de origem, e 2 muçulmanos (2.6%) são ajudados por amigos e conhecidos portugueses. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu as opções “Centro Cultural Islâmico do Porto”, “Organizações de solidariedade social”, “Associações de Imigrantes”, “Organizações do Estado” e “Outro/a”.

Tabela 39: Áreas em que os muçulmanos do Porto receberam ajuda

Em que área recebeu ajuda	A encontrar trabalho	4 (5.3%)
	A encontrar alojamento	6 (7.9%)
	A tratar da regularização	63 (82.9%)
	A aprender português	3 (3.9%)
	Outro/a	-
	Total	76 (100.0%)

No que concerne às áreas em que os muçulmanos do Porto recebem ajuda, segundo a tabela 39, dos 76 muçulmanos que recebem ajuda desde que chegaram a Portugal, 63 muçulmanos (82.9%) receberam apoio para tratar da regularização, 6 muçulmanos (7.9%) foram ajudados a encontrar alojamento, 4 muçulmanos (5.3%) receberam ajuda para encontrar trabalho, e 3 muçulmanos (3.9%) foram ajudados na aprendizagem da língua portuguesa. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Outro/a”.

Tabela 40: Integração dos muçulmanos na comunidade do Porto

Sente-se bem integrado na comunidade do Porto	Sim	91 (90.1%)
	Não	10 (9.9%)
Total		101 (100.0%)

De acordo com a tabela 40, em relação à integração dos muçulmanos na comunidade do Porto, dos 101 muçulmanos inquiridos que imigraram, 91 muçulmanos (90.1%) sentem-se bem integrados na comunidade, enquanto que 10 muçulmanos (9.9%) assumem não se sentirem bem integrados na comunidade do Porto.

Tabela 41: Motivos para a boa integração dos muçulmanos do Porto

Motivo para se sentir bem integrado na comunidade do Porto	As pessoas são simpáticas/acolhedoras/prestáveis	11 (12.1%)
	As tradições são semelhantes e as pessoas humildes e sociáveis	1 (1.1%)
	Boa convivência/ bom ambiente	76 (83.5%)
	Fala muito bem a língua portuguesa e tem uma boa convivência com as pessoas	2 (2.2%)
	Sente-se seguro	1 (1.1%)
Total		91 (100.0%)

No que diz respeito aos motivos para a boa integração dos muçulmanos do Porto, através da análise da tabela 41, dos 91 muçulmanos que se sentem bem integrados na comunidade, 76 muçulmanos (83.5%) afirmaram sentirem-se bem integrados pela boa convivência e/ou bom ambiente, 11 muçulmanos (12.1%) acham as pessoas simpáticas, acolhedoras e/ou prestáveis, 2 muçulmanos (2.2%) falam muito bem a língua portuguesa e têm uma boa convivência com as pessoas, por isso sentem-se integrados, 1 muçulmano (1.1%) sente-se integrado por as tradições serem semelhantes

e por as pessoas serem humildes e sociáveis, e 1 muçulmano (1.1%) afirmou sentir-se integrado por se sentir seguro na cidade do Porto.

Tabela 42: Motivos para a má integração dos muçulmanos do Porto

Motivo para não se sentir bem integrado na comunidade do Porto	As pessoas não são acolhedoras	2
		(20.0%)
	São tratados de forma diferente pelas pessoas por usarem trajes típicos	2
		(20.0%)
	Não conseguem arranjar trabalho e/ou têm muitas dificuldades na língua portuguesa	5
		(50.0%)
	Acha o país confuso pois funcionários públicos dos mesmos serviços fornecem-lhe informações diferentes	1
		(10.0%)
Total		10
		(100.0%)

Relativamente aos motivos para a má integração dos muçulmanos do Porto, segundo a tabela 42, dos 10 muçulmanos que não se sentem bem integrados na comunidade, 5 muçulmanos (50.0%) afirmaram não se sentirem integrados pois não conseguem arranjar trabalho e/ou têm muitas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, 2 muçulmanos (20.0%) acham que as pessoas não são acolhedoras e por isso não se sentem integrados, 2 muçulmanos (20.0%) não se sentem integrados porque são tratados de forma diferente, pelas outras pessoas, por usarem trajes típicos, como o véu islâmico, e 1 muçulmano (10.0%) acha o país confuso, pois funcionários públicos dos mesmos serviços fornecem-lhe informações diferentes, e por esse motivo não se sente bem integrado na comunidade.

Tabela 43: Principais dificuldades dos muçulmanos do Porto na adaptação à sociedade portuguesa

Principais dificuldades na adaptação à sociedade portuguesa	Dificuldades com a regularização da sua situação	39 (25.7%)
	Conseguir arranjar trabalho	16 (10.5%)
	Conseguir um trabalho melhor	13 (8.5%)
	Língua portuguesa	29 (19.1%)
	Dificuldades com a entidade patronal	3 (2.0%)
	Difícil adaptação ao trabalho	2 (1.3%)
	Costumes diferentes	-
	Sem dificuldades	50 (32.9%)
	Total	152 (100.0%)

No que concerne às principais dificuldades na adaptação à sociedade portuguesa, de acordo com a tabela 43, dos 101 muçulmanos inquiridos que imigraram, sendo que nesta questão os inquiridos puderam escolher duas opções, 50 muçulmanos (32.9%) não têm qualquer dificuldade na sua adaptação, e dos restantes 51 muçulmanos, que afirmaram ter dificuldades, todos selecionaram duas opções: 39 muçulmanos (25.7%) têm dificuldades com a regularização da sua situação, 29 muçulmanos (19.1%), têm dificuldades com a língua portuguesa, 16 muçulmanos (10.5%) não conseguem arranjar trabalho, 13 muçulmanos (8.5%) não conseguem arranjar um trabalho melhor, 3 muçulmanos (2.0%) têm dificuldades com a entidade patronal, e apenas 2 muçulmanos (1.3%) afirmaram ter dificuldades na adaptação ao trabalho. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Costumes diferentes”.

Tabela 44: Muçulmanos do Porto que foram vítimas de discriminação

Foi vítima de discriminação por ser muçulmano	Sim	25 (23.6%)
	Não	81 (76.4%)
Total		106 (100.0%)

Conforme a tabela 44, relativamente aos muçulmanos do Porto que foram vítimas de discriminação, 81 muçulmanos (76.4%) nunca foram discriminados, enquanto que 25 muçulmanos (23.6%) afirmaram já terem sido vítimas de discriminação.

Tabela 45: Aspetos em que os muçulmanos do Porto foram discriminados

Aspetos em que foram discriminados	Acesso à habitação	3 (12.0%)
	Acesso à educação	-
	Acesso aos serviços públicos em geral	2 (8.0%)
	Acesso à saúde	-
	Acesso ao emprego	1 (4.0%)
	Outro/a	19 (76.0%)
Total		25 (100.0%)

No que se refere aos aspetos em que os muçulmanos do Porto foram discriminados, dos 25 muçulmanos que afirmaram já terem sido vítimas de discriminação, podemos verificar, através da tabela 45, que 19 muçulmanos (76.0%) escolheram a opção “Outro/a”, sendo que, 11 muçulmanos foram discriminados na rua, 5 muçulmanos no local de trabalho, 1 muçulmano foi discriminado por familiares, amigos e conhecidos do seu dia a dia, 1 muçulmano foi discriminado na escola e outro

muçulmano na universidade; 3 muçulmanos (12.0%) foram discriminados no acesso à habitação, 2 muçulmanos (8.0%) no acesso aos serviços públicos em geral e 1 muçulmano (4.0%) foi discriminado no acesso ao emprego. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu as opções “Acesso à educação” e “Acesso à saúde”.

Tabela 46: Muçulmanos do Porto vítimas de violência

Foi vítima de violência	Física	-
	Verbal	19 (76.0%)
	Nenhuma das anteriores	6 (24.0%)
Total		25 (100.0%)

De acordo com a tabela 46, em relação aos muçulmanos do Porto vítimas de violência, dos 25 muçulmanos que afirmaram já terem sido vítimas de discriminação, 19 muçulmanos (76.0%) já foram vítimas de violência verbal, enquanto que 6 muçulmanos (24.0%) nunca foram vítimas de violência física ou verbal. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Física”.

Tabela 47: Episódios das discriminações experienciadas pelos muçulmanos do Porto

Episódio da discriminação	As casas estão para alugar mas quando as visita e os proprietários veem que é muçulmano dizem que já estão alugadas; nunca contactou ninguém para o ajudar	3 (12.0%)
	No Serviço de Estrangeiros e Fronteiras nunca o ajudaram a resolver os problemas da sua regularização e já foi insultado por funcionários; nunca contactou ninguém para o ajudar	2 (8.0%)
	Insultos na rua quando usava os trajes típicos; nunca contactou ninguém para o ajudar	12 (48.0%)
	Insultos na escola e universidade por rezar e por usar os trajes típicos; nunca contactou ninguém para não chamar à atenção	2 (8.0%)
	Insultos por parte dos colegas de trabalho; patrão não pagava horas extras; problemas com os contratos de trabalho; obstáculos às orações diárias; nunca contactou ninguém para o ajudar	6 (24.0%)
Total		25 (100.0%)

De acordo com a tabela 47, relativamente aos episódios das discriminações experienciadas pelos muçulmanos do Porto, dos 25 muçulmanos que afirmaram já terem sido vítimas de discriminação, 12 muçulmanos (48.0%) foram insultados na rua quando usavam os trajes típicos, 6 muçulmanos (24.0%) foram insultados por colegas de trabalho, os patrões não pagavam horas extra, tiveram problemas com os contratos de trabalho e não lhes era permitido fazerem as orações diárias, 3 muçulmanos (12.0%) quando tentaram alugar casas, que estavam vagas, quando as visitavam e os proprietários viram que eram muçulmanos diziam que as casas já estavam alugadas, 2 muçulmanos (8.0%) afirmaram que no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) nunca os ajudaram a resolver os problemas das suas regularizações e já foram insultados pelos próprios funcionários do SEF, e 2 muçulmanos (8.0%) foram insultados na escola e na universidade por rezarem e por usarem os trajes típicos. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos, que foram discriminados, contactou alguém ou alguma associação para os ajudar.

Tabela 48: Opções mais necessárias para os muçulmanos do Porto se sentirem integrados

Opções para a integração dos muçulmanos	Saber falar bem português	79 (39.1%)
	Ter amigos portugueses	5 (2.5%)
	Ter amigos da sua nacionalidade	-
	Ter amigos da mesma comunidade religiosa	2 (0.9%)
	Saber como funcionam os serviços de imigração, saúde, educação, etc.	11 (5.4%)
	Ter família consigo	29 (14.4%)
	Ter trabalho	67 (33.2%)
	Fazer parte de uma Associação	1 (0.5%)
	Outro/a	8 (4.0%)
	Total	202 (100.0%)

Relativamente às opções mais necessárias para os muçulmanos do Porto se sentirem integrados, de acordo com a tabela 48, dos 101 muçulmanos inquiridos que imigraram, sendo que nesta questão os inquiridos puderam escolher duas opções, 79 muçulmanos (39.1%) consideraram importante para a sua integração saber falar bem português, 67 muçulmanos (33.2%) acharam que é mais relevante ter trabalho, 29 muçulmanos (14.4%) julgaram ser mais necessário ter a família consigo, 11 muçulmanos (5.4%) afirmaram que é essencial saber como funcionam os serviços de imigração, saúde, educação, etc., 8 muçulmanos (4.0%) escolheram a opção “Outro/a”: 7 muçulmanos afirmaram que é importante ter amigos em geral (portugueses, da sua nacionalidade e da mesma comunidade religiosa) e 1 muçulmano afirmou que só se sentiria bem integrado quando tivesse a sua situação regularizada; 5 muçulmanos (2.5%) julgaram ser mais importante para a sua integração ter amigos portugueses, 2 muçulmanos (0.9%) consideraram relevante para a sua integração o facto de ter amigos da mesma comunidade religiosa, e apenas 1 muçulmano (0.5%) afirmou ser importante

fazer parte de uma Associação. É ainda importante mencionar que nenhum dos muçulmanos inquiridos escolheu a opção “Ter amigos da sua nacionalidade”.

Por conseguinte, a análise dos inquéritos por questionário realizados à comunidade muçulmana do Porto permite concluir que na generalidade os indivíduos que pertencem à comunidade são homens, comerciantes de profissão, com baixa escolaridade e com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos, casados com pessoas da mesma religião, nascidos em Marrocos e de nacionalidade marroquina, que trabalham por conta de outrem, sendo que a atividade laboral e a profissão exercida é a mesma. Relativamente à religião, são sunitas que já nasceram no seio de uma família muçulmana, são praticantes pois seguem os pilares/ensinamentos, cumprem as cinco orações diárias, dão a esmola e praticam o jejum durante o Ramadão porque é obrigatório, não fizeram a peregrinação a Meca, porque os custos da viagem são muito elevados, mas pretendem um dia fazer a peregrinação. Em relação às causas da emigração, os muçulmanos do Porto saíram dos seus países de origem à procura de melhores condições de vida e vieram para o Porto por terem amigos/familiares na cidade. Relativamente à integração na comunidade, os muçulmanos receberam apoio dos familiares quando chegaram a Portugal para tratar da regularização, sentem-se bem integrados no Porto, apesar das dificuldades com as regularizações, porque as pessoas são simpáticas, acolhedoras e prestáveis, a maioria não foi vítima de discriminação e para se sentirem integrados os muçulmanos do Porto defendem que o mais importante é saber falar bem português e ter trabalho.

É importante salientar que muitas mulheres muçulmanas recusaram responder aos inquéritos, o que origina uma evidente lacuna e desvio dos resultados dos inquéritos por questionário (já que, por exemplo, dos 25 inquiridos que admitiram terem sido discriminados, 12 eram mulheres, num total de 20 mulheres inquiridas) e contribui inclusive para a fraca visibilidade da mulher muçulmana na esfera pública.

É ainda curioso que os muçulmanos que seguem os pilares do Islão, e representam a maioria, fazem-no apenas por ser obrigatório. Até mesmo os muçulmanos que já fizeram a peregrinação a Meca, que não representam a maioria, fizeram-no por ser obrigatório.

Também é interessante reter que apesar da principal dificuldade encontrada seja a regularização, nenhum muçulmano afirmou ser ajudado por nenhuma organização do Estado ou do Terceiro Setor.

CONCLUSÃO

O principal problema encontrado durante o estágio foi a dificuldade no acesso a informação pertinente. As associações que lidam com minorias religiosas podem ter algum conhecimento informal sobre casos específicos, as instituições governamentais que trabalham nesta área normalmente não têm um acesso direto às pessoas discriminadas, e não há nenhum mecanismo institucional que possa ser usado pelas pessoas para apresentar queixas e/ou situações de discriminação. Mesmo a polícia, não reúne a informação tendo em conta os casos de discriminação, de forma a que possam ser examinados.

Finalmente, é fundamental salientar que a discriminação pode estar presente de várias formas, sendo que algumas delas não são facilmente perceptíveis. Mesmo não havendo grandes demonstrações como violência física ou verbal, há outras formas da sociedade não aceitar algumas pessoas devido às suas escolhas religiosas.

O principal objetivo do projeto é apresentar factos, e esperar que sirvam como reflexão. Por essa razão, não foram feitos comentários sobre o fenómeno da discriminação e da sua possível origem. Em vez disso, optou-se pelo uso dos inquéritos por questionário para a recolha de informações.

A comunidade muçulmana a residir no Porto é pequena, se comparada com as existentes em algumas cidades da Europa ocidental, e tem uma origem recente. Não é possível indicar o momento exato em que os primeiros muçulmanos chegaram ao Porto, mas, segundo os dados recolhidos, a grande massa veio após a instauração do regime democrático no país. Desde então, a comunidade tem crescido em termos numéricos, mas a sua característica mais marcante é a sua evolução, isto é, a incorporação de uma cada vez maior diversidade de nacionalidades e culturas. Aquando da análise dos inquéritos por questionário, foi ainda facilmente perceptível que, apesar da maioria dos muçulmanos ter admitido que recebeu apoio desde que chegou a Portugal, nenhum muçulmano inquirido afirmou ter recebido ajuda do Estado ou do Terceiro Setor, sendo que a maior dificuldade assumida pelos muçulmanos inquiridos é a questão da regularização, seguida pela aprendizagem da língua portuguesa.

Quanto à integração, a grande maioria sente-se bem integrada no Porto, contudo quase um quarto dos inquiridos afirmaram já terem sido vítimas de discriminação, a maioria vítima de violência verbal, por motivos variados, mas com destaque para o uso

de trajes típicos, como o véu muçulmano. É ainda de salientar que não foi registado qualquer caso de violência física. Saber falar bem português e ter trabalho são ainda as duas opções mais necessárias para os inquiridos se sentirem integrados no Porto.

A inclusão social da comunidade muçulmana do Porto pressupõe que a mesma se envolva e participe nas diversas áreas da vida social, no entanto, devido ao desempowerment que abraça a mesma, esta não consegue por si só reunir as condições necessárias para exercer a sua cidadania e, assim sendo, a ação do Estado e do Terceiro Setor revela-se bastante importante pois só estes agentes podem auxiliar a comunidade a conquistar os seus direitos de cidadania.

“É essencial criar espaços de diálogo abertos a todos. O sucesso da governação intercultural, a todos os níveis, depende grandemente da multiplicação destes espaços: espaços físicos, como (...) mesquitas (...), ou espaços virtuais como os meios de comunicação social” (Conselho da Europa, 2008, p. 41).

De acordo com o Conselho da Europa (2008, p. 50 - 59):

Os meios de comunicação social podem desempenhar um papel positivo na luta contra a intolerância, nomeadamente através da promoção de uma cultura de compreensão entre os membros dos diferentes grupos étnicos, culturais, linguísticos e religiosos. (...) Os Estados devem adotar uma legislação severa, que proíba os “discursos do ódio”, assim como as manifestações de racismo (...) e de intolerância para com (...) os muçulmanos bem como todas as outras manifestações que incitem ao ódio ou à violência. (...) Em particular, as organizações da sociedade civil, incluindo as comunidades religiosas, são encorajadas a fornecer um quadro propício aos encontros interculturais e inter religiosos.

As entrevistas e a criação do blogue permitiram aprofundar os conhecimentos sobre a religião islâmica e sobre o surgimento da comunidade muçulmana do Porto, assim como esclarecer dúvidas que ainda persistiam. Por sua vez, os inquiridos por questionário permitiram conhecer, em maior detalhe, a comunidade muçulmana do Porto, sendo de realçar que o contato direto com os muçulmanos permitiu recolher informações e ter noção de dificuldades e experiências de vida dos muçulmanos do Porto, que de outra forma não seriam perceptíveis. O ciclo de debates sobre cinema muçulmano foi outra atividade que se revelou bastante interessante, em primeiro lugar devido à partilha de ideias que é sempre enriquecedora, e em segundo lugar porque permitiu ter a noção das diferentes visões que cada participante do ciclo de debates sobre cinema tem sobre os filmes e sobre o Islão.

Comentários deixados no blogue, que não foram transcritos para o relatório de estágio, devido ao seu conteúdo discriminatório e linguagem imprópria, permitem concluir que o desconhecimento sobre a cultura islâmica promove atitudes

discriminatórias e de exclusão social. A realização de outras atividades de estágio permite também concluir que o desempowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, condiciona o exercício pleno da sua cidadania, e, por fim, quanto mais o Estado e o Terceiro Setor se focam no empowerment dos muçulmanos, que pertencem a uma minoria religiosa, mais provável é a sua integração e inclusão social, já que, a comunidade por si só não consegue alcançar o empowerment para alcançar a sua cidadania e, por isso, quanto mais a ação desenvolvida pelo Estado e pelo Terceiro Setor focaliza o empowermnt mais contribui para a inclusão da comunidade muçulmana do Porto.

Por tudo isto, é fundamental problematizar a questão da inclusão social da comunidade muçulmana e de todas as comunidades que pertencem a minorias religiosas, na medida em que, ao problematizarmos sobre este assunto poderemos encontrar caminhos de orientação que possam prevenir e mesmo erradicar o fenómeno da discriminação nas nossas sociedades, uma vez que, estudar este fenómeno é procurar depreender o modo como este se manifesta na vida das vítimas de discriminação, retirando-lhes os seus direitos de cidadania e, portanto, estudar os fenómenos da discriminação e da exclusão é também conceber estratégias que devolvam o poder aos excluídos socialmente, para que possam alcançar uma efetiva inclusão na sociedade.

A experiência acumulada ao longo do estágio no SOS Racismo foi benéfico não só para o aprofundamento e apoio no projeto desenvolvido, mas, no plano pessoal, possibilitou também a absorção de conhecimentos valiosos sobre o trabalho desenvolvido pela instituição de estágio. Na sequência desta experiência, ficou a conhecer-se com profundidade a lógica de trabalho e de funcionamento do SOS Racismo, uma realidade que não era muito próxima e que passou a ser encarada como familiar. No que toca à vertente pessoal, houve a possibilidade de enriquecer a esfera de contactos com instituições que desenvolvem um trabalho semelhante ao desenvolvido pelo SOS Racismo, graças à criação da base de dados de parceiros sociais.

Em conclusão, considero que este estágio foi muito enriquecedor, já que o sentido de responsabilidade, organização pessoal e autonomia saíram claramente reforçados. Ao longo do estágio fui melhorando gradualmente os meus conhecimentos, e aperfeiçoando técnicas de execução das atividades de estágio propostas. Apesar das dificuldades inerentes à realização do estágio e respetivo relatório, finalizou-se este período com uma sensação de dever cumprido e com uma enorme satisfação por ter evoluído profissional e pessoalmente.

BIBLIOGRAFIA

Bell, J. (2002). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa, Gradiva.

Boff, L. (2009). *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: Desafio para o século XXI*. Petrópolis, RJ, Vozes.

Boudon, R. *et alii*. (1990). *Dicionário de Sociologia*. Tradução de António J. Pinto Ribeiro. Lisboa, Dom Quixote.

Capucha, L. (1998). Pobreza, exclusão social e marginalidades. *In*: Viegas, J. e Costa, A. (Ed.). *Portugal, que modernidade?*. Oeiras, Celta Editora, pp. 209-241.

Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo, Cortez Editora.

Friedmann, J. (1996). *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras, Celta Editora.

Gauthier, B. (2003). *Investigação Social: da problemática à colheita de dados*. Loures, Lusociência.

Ghiglione, R. e Montalon, B. (1995). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras, Celta Editora.

Henriques, M. *et alii*. (1999). *Educação para a cidadania*. Lisboa, Plátano Editora.

Ketele, J. e Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa, Instituto Piaget.

Laraia, R. (2001). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Maia, R. (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto, Porto Editora.

Oliveira, A. (2006). *Notícias Sobre Muçulmanos Lidas por Muçulmanos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Grávida.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Grávida.

Silva, A. e Pinto, J. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento.

Tiesler, N. (2000). Muçulmanos na Margem: a Nova Presença Islâmica em Portugal, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 34, pp. 117-144.

Tiesler, N. (2010). Muslim Populations in Portugal. In: Nielsen J. *et alii* (Ed.). *Yearbook of Muslims in Europe*. Leiden, Brill, pp. 413-422.

Vakil, A. (2004). Pensar o Islão: Questões coloniais, interrogações pós-coloniais, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 69, pp. 17-52.

Fontes eletrónicas:

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. (2004). Ciclo de Conferências: Aprender a diferença para melhor cuidar. [Em linha]. Disponível em <<http://www.acidi.gov.pt/noticias/visualizar-noticia/4cdbf7db55456/ciclo-de-conferencias%3A-aprender-a-diferenca-para-melhor-cuidar>>. [Consultado em 16/07/2012].

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. (2008). Programa Nós – O Islão em Portugal. [Em linha]. Disponível em <<http://www.acidi.gov.pt/noticias/visualizar-noticia/4cdbf6ebb6ed5/programa-nos--o-islao-em-portugal>>. [Consultado em 16/07/2012].

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. (2012). Hospitais aprendem religiões. [Em linha]. Disponível em <<http://www.acidi.gov.pt/noticias/visualizar-noticia/4f1ea24ea0024/hospitais-aprendem-religioes>>. [Consultado em 16/07/2012].

AFP – Agence France Presse. (2009). Ban Ki-moon diz que islamofobia é “forma de racismo”. *Público*. [Em linha]. Disponível em <http://www.publico.pt/Mundo/ban-kimoon-diz-que-islamofobia-e-forma-de-racismo_1375366>. [Consultado em 16/07/2012].

Coelho, A. (2004). Comunidade Muçulmana em Portugal Está Cada Vez Mais Diversificada. *Jornal Público*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=315>>. [Consultado em 16/07/2012].

Comunidade Islâmica de Lisboa. [Em linha]. Disponível em <<http://www.comunidadeislamica.pt/>>. [Consultado em 16/07/2012].

Conselho da Europa. (2008). Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural. [Em linha]. Disponível em <http://www.coe.int/t/dg4/intercultural/Source/Pub_White_Paper/WhitePaper_ID_PortugueseVersion2.pdf>. [Consultado em 16/07/2012].

Coutinho, C. *et alli*. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), pp. 355 – 380. [Em linha]. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF> [Consultado em 16/07/2012].

Diário de Notícias. (2008). 7 de julho: o atentado bombista em Londres. [Em linha]. Disponível em <http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1034586&especial=7%20de%20julho&seccao=MUNDO>. [Consultado em 16/07/2012].

EUMC – Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia. (2002). Anti-Islamic reactions in the EU after the terrorist acts against the USA. A collection of country reports from RAXEN National Focal Points. 12th September to 31st December 2001 - Portugal. [Em linha]. Disponível em <<http://fra.europa.eu/fraWebsite/attachments/Portugal.pdf>>. [Consultado em 17/07/2012].

Forte, I. (2004). Há mais de quatro mil muçulmanos a residir na região portuense. *Jornal de Notícias*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=317>>. [Consultado em 16/07/2012].

Jornal de Notícias. (2009). “Cautela com os amores” com muçulmanos, avisou D. José Policarpo. [Em linha]. Disponível em <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1071484&page=-1>. [Consultado em 16/07/2012].

JPN – Jornalismo Porto Net. (2012). Casos de racismo na Europa denunciados em site. [Em linha]. Disponível em <http://jpn.c2com.up.pt/2012/03/30/casos_de_racismo_na_europa_denunciados_em_site.html>. [Consultado em 16/07/2012].

Lusa. (2008). Há um Portugal muçulmano impressionante e desconhecido. [Em linha]. Disponível em <<http://www.acidi.gov.pt/noticias/visualizar-noticia/4cdbf6b5a8471/ha-um-portugal-muculmano-impressionante-e-desconhecido>>. [Consultado em 16/07/2012].

Lusa. (2010). Terrorismo : Associação de Apoio às Vítimas de Atocha continua a exigir "toda a verdade". *Expresso*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.expresso.sapo.pt/terrorismo--associacao-de-apoio-as-vitimas-de-atocha-continua-a-exigir-toda-a-verdade=f570236>>. [Consultado em 16/07/2012].

Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. (2008). O Racismo e Xenofobia em Portugal (2001-2007). [Em linha]. Disponível em <http://www.amnistia-internacional.pt/files/Estudo_Racismo_Portugal.pdf>. [Consultado em 16/07/2012].

Observatório da Imigração. (2005). MEL – Net: Muçulmanos em Espaços Lusófonos. [Em linha]. Disponível em <<http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=1017>>. [Consultado em 16/07/2012].

Quintão, C. (2004). Terceiro Setor – elementos para referenciação teórica e conceptual. [Em linha]. Disponível em <http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/RYPJ2R8ATYGKT6PPAV9Y49DLUKGG8T.pdf>. [Consultado em 16/07/2012].

Rodrigues, C. (2007). O Islão – um mundo em descoberta para o Ocidente. [Em linha]. Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/working-papers/relacoes-externas-de-portugal/o-islao2013-um-mundo-em-descoberta-para-o-ocidente/O-Islao2013-um-mundo-em-descoberta-para-o.pdf>>. [Consultado em 16/07/2012].

Rodrigues, E. (2006). Escassos caminhos : os processos de imobilização social dos beneficiários do R.M.G. em Vila Nova de Gaia. [Em linha]. Disponível em <http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/2HAEQXVSLUALBIR6B3R3VEE38VA6J9.pdf>. [Consultado em 16/07/2012].

Stilwell, P. (2008). O Diálogo Inter-Religioso como Projeto Cultural. In: Matos, A. e Lages, M. (Ed.) *Percursos de Interculturalidade: Desafios à Identidade*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.), pp. 122 – 140. [Em linha]. Disponível em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap4.pdf> [Consultado em 16/07/2012].

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (2001). [Em linha]. Disponível em <http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=18>. [Consultado em 16/07/2012].

Legislação referenciada:

Lei N.º 16/2001, de 22 de junho, DR. N.º 143, Série I-A, Capítulo II artigo 10º, alínea b).

APÊNDICES

Apêndice 1

Guião para a Entrevista 1 – Criação do Blogue Islão Online

Guião para a Entrevista 1 – Criação do Blogue Islão Online

Imam (líder da oração/ líder religioso) do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) – Amadu Camará

- História do Islão:
o que significa «Islão»;
quando, onde e como surgiu.
- As Crenças.
- Ramos do Islão:
Sunita;
Xiita.
- Os Pilares do Islão:
a profissão de fé (*shahada*);
a oração (*salah*);
a esmola (*zakat*);
o jejum (*sawm*);
a peregrinação a Meca (*hajj*).
- As Práticas da Oração: como e quando são feitas.
- Os Lugares Sagrados:
a *Caaba*;
a cidade de Medina.
- O Alcorão.
- A Alimentação:
alimentos proibidos.
- A Mulher no Islão:
a condição da mulher;
direitos;
estatuto.

Apêndice 2

Guião para a Entrevista 2 – Centro Cultural Islâmico do Porto

Guião para a Entrevista 2 – Centro Cultural Islâmico do Porto

Responsável do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) – Abdellah Bouazza

- A fundação do CCIP:
 - onde;
 - porquê;
 - objetivos;
 - organização;
 - relação com a sociedade portuguesa;
 - futuros projetos.

Apêndice 3

Textos publicados no Blogue Islão Online

Textos publicados no Blogue Islão Online

Apresentação: Os textos publicados neste blogue serão o resultado de entrevistas realizadas ao *Imam* (líder da oração) Amadu Camará, do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) e ao responsável do CCIP, Abdellah Bouazza.

Tudo o que se demonstrar interessante, útil e adequado no desenrolar das atividades de estágio será também disponibilizado neste blogue.

A História: “Islão” é a palavra árabe que significa “Paz”. O Islão é a religião de todos os Profetas de Deus, desde Adão até ao último Profeta, que os muçulmanos consideraram, *Muhammad*. Todos os Profetas vieram para proclamar a Paz, inclusive Jesus Cristo, que como Abraão, Moisés e Maomé, também foi um Profeta enviado para transmitir a mensagem de Deus para a humanidade.

Segundo o *Imam*, os Profetas vieram para ensinar o respeito, a humildade, a dignidade e para mostrar que há salvação se construirmos uma relação com o nosso Criador que é *Allah*, em árabe, e Deus em português.

As religiões que os muçulmanos reconhecem são três: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. O Islão surge então como uma religião universal pois tenta conciliar tudo o que há de bom no Judaísmo e no Cristianismo, rejeitando os aspetos negativos.

Ainda de acordo com o *Imam*, o Islão surge, no século VI, quando na Península Arábica se praticavam atos ilícitos, como crimes e guerras sem sentido, entre etnias. O Profeta *Muhammad* veio para mostrar que a humanidade está no caminho da perdição e que deve seguir regras, impostas por Deus, revelando ao Homem os seus direitos e o objetivo fundamental de Deus na sua criação. *Muhammad* foi enviado para unir os povos, terminar com as guerras no mundo e espalhar e distribuir o Islão, a Paz, em toda a parte do mundo.

Muhammad é um homem único para os muçulmanos, pois em apenas 23 anos formou uma nação que nunca diminuiu, mas foi sempre aumentando de seguidores: o Islão.

As Crenças e os Ramos: São seis as crenças do Islão: a crença em *Allah*, o único Deus existente; a crença nos anjos, seres criados por Deus; a crença nos livros sagrados, entre os quais se encontra o Alcorão que é o principal e mais completo livro sagrado; a crença nos vários Profetas enviados à humanidade, dos quais *Muhammad* é o último; a crença

no dia do Juízo Final, no qual as ações de cada pessoa serão avaliadas; a crença na predestinação: *Allah* tudo sabe e possui o poder de decidir sobre o que acontece a cada pessoa.

A divisão do Islão apareceu depois da morte do Profeta *Muhammad*: os xiitas, que adoravam o Profeta como a Deus e por isso, segundo o *Imam*, exageraram quando defenderam que o líder da comunidade muçulmana deveria pertencer à família do Profeta; e os sunitas, que adoravam apenas a Deus, e defendiam como sucessor do Profeta um dos seus companheiros. O *Imam* salienta ainda que a grande diferença é de facto a profecia.

Estes são os dois principais ramos do Islão, e apesar de existirem outros, são estes que se manifestam em Portugal, sendo que os muçulmanos do Porto são maioritariamente sunitas, assim como os do resto do país e do mundo.

Os Pilares – Parte I: O Islão tem 5 pilares e cada pilar é muito importante. Para o *Imam* ser muçulmano não é difícil, mas sim muito fácil, pois basta acreditar e praticar.

Primeiro pilar: a afirmação da fé (*shahada*). Testemunhar que não há outra divindade que merece ser adorada exceto um só Deus, criador de tudo o que existe, e *Muhammad* é apenas o último mensageiro, e também servo de Deus, que não deve ser adorado. A recitação sincera deste credo é a primeira atitude necessária para se abraçar o Islão.

Segundo pilar: a oração (*salah*). A oração é o elo de ligação entre a criatura e o seu Senhor, na qual Lhe solicita e Lhe dirige as suas preces. A prática da oração é obrigatória para qualquer muçulmano, quer seja do sexo feminino ou masculino, desde que seja adulto, são e responsável e, no caso das mulheres, fora do período menstrual ou do parto. O período máximo de ambos os casos é de dez e quarenta dias, respetivamente. Nestas situações as mulheres estão totalmente isentas da prática da oração.

Um muçulmano ora 5 vezes por dia. São breves orações de apenas 5 a 15 minutos. A primeira oração (*Salat'ul-Fajr*) é feita ao nascer do sol, por volta das 6 e 45 da manhã, durante 5 minutos. A segunda oração (*Salat'ul-Zuhr*), depois do meio-dia, dura 10 minutos. A terceira oração (*Salat'ul-Assr*), também de 10 minutos, ocorre por volta das 15 e 30. A quarta oração (*Salat'ul-Magrib*) é realizada depois do pôr do sol, durante 10 minutos. A quinta e última oração (*Salat'ul-Ishá*) deve ser feita antes da meia noite, sendo que no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) é realizada às 19 horas e é a mais longa das orações diárias pois ocorre durante 15 minutos.

Cabe mencionar que o Islão estabeleceu as horas das orações de maneira que a recreação espiritual coincida com a nutrição física de cada pessoa, combinando a paz do espírito com a descontração do corpo. Todas estas orações podem ser feitas individualmente ou em congregação, não sendo obrigatório serem feitas nas Mesquitas. Há ainda as orações de Sexta-feira (*Jumua*), o dia sagrado para os muçulmanos, e a dos dias festivos (*Eid'ul-Fitr*, fim do jejum do Ramadão e *Eid'ul-Adha*, fim da peregrinação a Meca), que só podem ser feitas em congregação e nas Mesquitas.

A oração não é válida se não forem satisfeitas as seguintes condições: execução da ablução, que consiste em lavar as partes do corpo expostas às impurezas; limpeza de todo o corpo, bem como da roupa e do chão em que se reza, eliminando qualquer sujidade ou impurezas. O vestuário deve ser escolhido de forma conveniente para satisfazer as regras morais, visando cobrir as partes mais íntimas. O homem deverá ter o corpo coberto, pelo menos, do umbigo aos joelhos. No caso da mulher, deve-se cobrir todo o corpo, à exceção da cara, das mãos e dos pés. Tanto o homem como a mulher devem evitar roupas transparentes enquanto orarem. É condição essencial estar-se virada em direção a Caaba, em Meca, que é a orientação comum para onde os fiéis muçulmanos se voltam para orarem.

Os Pilares – Parte II: Terceiro pilar: a esmola (*zakat*). É um dever prescrito por Deus e cumprido pelos muçulmanos em benefício da sociedade no seu conjunto. Serve para criar um laço entre ricos e pobres. Assim, todos podem conviver sem conflitos e com amor ao próximo. De acordo com o *Imam* esta divisão do dinheiro é muito importante já que com isto os roubos e vandalismos diminuem. É somente obrigatório para quem tem posses financeiras, ou seja, para os ricos.

Anualmente os muçulmanos fazem um balanço dos seus bens materiais e contribuem, para os pobres, com um mínimo de 2,5% do produto líquido dos seus ganhos, depois de deduzidas as despesas pessoais, as da família, os gastos indispensáveis, os impostos, as contribuições fiscais e outros encargos.

Quarto pilar: o jejum (*sawm*). Na sua definição literal, significa abstinência de comer, de beber, de ter relações íntimas, entre o período antes da alvorada até ao pôr do sol, durante o mês de Ramadão, que é nono mês do calendário islâmico. Mas o jejum é muito mais do que isso. Tem um profundo significado espiritual pois: dá ao homem uma genuína virtude de devoção efetiva, de honesta dedicação e aproxima-o de Deus; incentiva no homem a paciência e o altruísmo; é uma verdadeira lição de aplicação da

moderação e força de vontade; ensina ao homem uma nova maneira de fazer poupanças judiciosas e planificar corretamente os gastos; cultiva no homem a disciplina e a sobrevivência saudável; cria no homem o verdadeiro espírito de dedicação social, de unidade, fraternidade e de igualdade perante Deus.

O jejum é obrigatório para todo o muçulmano adulto do sexo masculino ou feminino que seja saudável. Estão isentos de jejuar os muçulmanos nas seguintes condições: homens ou mulheres que sejam demasiado idosos e fracos; os doentes cuja saúde possa ser gravemente perturbada pelo jejum; mulheres grávidas ou as que amamentam os seus filhos; mulheres no período da menstruação.

Quinto pilar: a peregrinação a Meca (*hajj*). A peregrinação é obrigatória pelo menos uma vez na vida, para qualquer muçulmano, homem ou mulher, com posses financeiras para tal. É a mais ampla convenção anual de Fé, em que os muçulmanos de diferentes origens se encontram e se conhecem, convivendo entre si. Durante a peregrinação o tema predominante é a paz e a oração; paz com Deus e com a própria alma, paz com os outros semelhantes. A peregrinação a Meca é uma demonstração integral da universalidade do Islão e da fraternidade e igualdade entre os muçulmanos. Em resposta à chamada de Deus, os muçulmanos de todas as classes e profissões, vindos de todas as partes do mundo, reúnem-se em Meca. Vestem-se todos da mesma forma e com a mesma simplicidade. Não há realeza, mas sim devoção de todos a Deus. Não há aristocracia, mas humildade.

Os Lugares Sagrados: Existem três santuários oficiais para os muçulmanos: a Caaba, Mesquita central de todos os muçulmanos do mundo, que fica na cidade de Meca, na Arábia Saudita; a Mesquita sagrada do Profeta *Muhammad*, que funciona como uma escola mundial para os muçulmanos e que se localiza na cidade de Medina; e a Mesquita Aqsa, em Jerusalém.

A Caaba é a Mesquita mais sagrada para os muçulmanos. Para ela se voltam nas suas orações e para ela, inclusive, se dirigem na peregrinação. A Caaba é o motivo fundamental do nascimento da cidade de Meca, que se desenvolveu sobre bases religiosas. Um facto curioso e impressionante é que nenhuma ave sobrevoa a Caaba nem ali pousa.

Medina é a segunda cidade santa do Islão. Foi para Medina que o Profeta e os seus companheiros emigraram, aquando das hostilidades de que foram alvos em Meca. Este acontecimento, Hégira, teve lugar no ano 622 dando início ao calendário muçulmano.

Foi em Medina que o Islão começou a ganhar a sua força e a impor-se como uma das maiores religiões. Foi aqui que o Profeta foi aceite como membro de pleno direito, participando ativamente na vida social da localidade, regulando as práticas sociais e religiosas, construindo as bases necessárias para a expansão do Islão. Há semelhança do que sucede em Meca, aqui também somente é permitida a entrada de muçulmanos.

O Alcorão e a Alimentação: Alcorão é a original e autêntica Palavra de Deus. É o livro Sagrado dos muçulmanos revelado por Deus ao Profeta *Muhammad*, através do Anjo Gabriel, por um período de 23 anos em Meca e em Medina. É composto por 30 Juz (Partes), 114 Suratas (Capítulos) e 6342 Versículos. Serve como meio de comunicação que os muçulmanos utilizam nas suas orações para comunicar com Deus e é dirigido a toda a humanidade e não só aos muçulmanos.

Quanto à alimentação, o Islão permite aos muçulmanos comerem qualquer tipo de alimentos saudáveis, exceto carne de porco porque consideram-na perigosa. São também proibidos aos muçulmanos os seguintes alimentos: carne de animais em cujo abate não seja invocado o nome de Deus; animais e aves carnívoras e aves de rapina; todos os bípedes e os quadrúpedes que aprisionam para devorar com os dentes e todas as aves que apanham com as suas garras (como por exemplo raposas, lobos, hienas, leopardos, leões, tigres, macacos, águias, abutres, etc.).

Outras proibições aos muçulmanos são o consumo de todo o tipo de bebidas alcoólicas e qualquer tipo de drogas.

Mulher no Islão – Parte I: A condição da mulher no Islão é sem dúvida um dos pontos que mais geram discussões, controvérsias e divergências principalmente entre os não muçulmanos, mas também entre alguns muçulmanos.

Para o *Imam* a mulher representa a metade da sociedade humana, constituindo o que há de mais belo nesta sociedade, especialmente no campo sentimental, podendo ser considerada a causa principal da própria existência da humanidade.

A mulher é um alicerce importante, tanto da família quanto da comunidade. Por isso o Islão libertou a mulher, ajudando-a a ganhar posições dignas, quer como esposa, mãe e antes disso como filha. Construir a família é a mais séria edificação no âmbito da sociedade e da nação, e da consolidação desta edificação depende a salvação da sociedade e a dignidade de uma nação, sendo que a mulher é a pedra angular desta importantíssima edificação.

Segundo os ensinamentos do Alcorão, o papel da mulher na sociedade é tão vital como o do próprio homem e ela não é superior nem inferior, mas apenas diferente.

O estatuto da mulher foi elaborado no Islão para serem garantidos todos os direitos e deveres recíprocos em relação à sociedade. Os direitos e as responsabilidades de uma mulher são iguais aos do homem, mas não são necessariamente idênticos. Igualdade e identidade são dois conceitos bastante diferenciados. Esta diferença é compreensível porque o homem e a mulher não são idênticos, mas foram criados iguais. Esta distinção entre igualdade e identidade é de grande importância. A igualdade é desejável e justa, mas a identidade não o é. As pessoas não são criadas idênticas, mas são criadas iguais. Com esta distinção na ideia, não há lugar para imaginar que a mulher seja inferior ao homem. Não há fundamento para argumentar que ela é menos importante do que ele, precisamente porque os seus direitos não são identicamente os mesmos. Se o seu estatuto fosse idêntico ao do homem ela não passaria simplesmente de um duplicado dele, o que não é. Para o *Imam* o facto de o Islão dar direitos iguais, mas não idênticos, mostra que toma a mulher na devida consideração, admitindo e reconhecendo a sua independente personalidade.

Ao contrário de outras crenças, o Islão não culpa somente Eva pelo pecado original. O Alcorão esclarece que ambos, Adão e Eva, foram tentados, que ambos pecaram e que o perdão de Deus lhes foi concedido a ambos depois do seu arrependimento.

Mulher no Islão – Parte II: Nos primórdios da civilização humana, a posição social da mulher era quase nula e inexpressiva no campo da moral e das leis, exceto na civilização do Antigo Egito, a qual fora a única na história remota que permitiu à mulher ocupar um lugar legitimado pelo reconhecimento dos governantes e do povo. Contudo, a civilização do Antigo Egito desapareceu, bem como as suas leis, muitos séculos antes do advento do Islão.

As qualidades reconhecidas à mulher são: a paciência, a perseverança, a coragem, o amor, a solidariedade, a resignação, a obediência e a determinação, apropriadas a cada momento. Todas estas qualidades, para além de outras, manifestaram-se por parte das mulheres muçulmanas desde os primeiros anos da existência do Islão. Em muitas ocasiões as suas opiniões foram respeitadas e seguidas por se verificarem acertadas e oportunas, mesmo em situações de extrema delicadeza e gravidade.

O fundamental é reconhecer o direito da mulher por ser realmente um direito e não como qualquer atendimento às reivindicações, ou por ser de alguma ideologia ou por circunstâncias de alguma necessidade específica da administração estatal.

O Islão incentiva tanto os homens quanto às mulheres a adquirirem saber, estudando. Mais do que incentivar e recomendar, o Islão fez do estudar um dever obrigatório para mulheres e homens. Não há no Islão nenhuma referência, mesmo indiretamente, que proíba ou restrinja a mulher de estudar.

Como ser humano, a mulher tem o direito de trabalhar e obter uma remuneração pelo seu trabalho. As atividades permitidas à mulher no Islão são exatamente as que são permitidas aos homens, sem qualquer discriminação. Não existe no Islão nenhuma barreira e nenhum impedimento entre a mulher e qualquer trabalho honesto, decente e adequado. É ainda direito da mulher escolher o seu esposo pois neste campo a mulher é exatamente igual ao homem.

Há 1400 anos, o Islão elevou o estatuto das mulheres, nomeadamente, ao permitir-lhe o divórcio, independência económica e financeira, o direito à propriedade e o direito de conservar o nome de solteira depois de casada. Contudo, certos aspetos culturais existentes em alguns países, ainda não permitem à mulher atingir os seus plenos direitos, contrariando assim a orientação religiosa.

Os Muçulmanos do Porto: Não é possível indicar o momento exato em que os primeiros muçulmanos chegaram ao Porto. Segundo os dados recolhidos, foi depois do 25 de Abril que o número de muçulmanos no Porto se revelou mais expressivo. Mas apesar de não ser do conhecimento de todos os muçulmanos, nesta altura existia já no Porto um grupo organizado, constituído inicialmente por cerca de dez muçulmanos, que vinham maioritariamente de Moçambique, da Guiné-Bissau e do Senegal e que garantiram a prática islâmica até à criação do CCIP em 1999.

Um dos primeiros muçulmanos a chegar ao Porto foi Abdellah Bouazza, em 1985, um Marroquino licenciado em Desporto. Foi um dos fundadores do CCIP e atualmente é o seu responsável.

Conforme os dados recolhidos, entre 1986 e 1991 este grupo de muçulmanos encontrava-se no ginásio dos campeões. Precisamente em 1991 juntou-se ao grupo Abdul Rehman Mangá, natural de Moçambique, que devido a uma proposta de trabalho veio para o Porto. Foi também um dos fundadores do CCIP e além de ser o presidente

do CCIP desde 2000, é também o muçulmano da Comunidade Muçulmana do Porto mais conhecido junto dos diferentes organismos políticos e sociais da cidade do Porto.

A maior parte dos muçulmanos que residem no Porto, de acordo com Abdellah Bouazza, são jovens trabalhadores com idades entre os 30 e 40 anos. A grande maioria são muçulmanos casados, que vivem com as suas famílias, enquanto que os solteiros vivem sozinhos ou com amigos da comunidade muçulmana.

De acordo com os dados recolhidos através das entrevistas, neste momento, estima-se que no Grande Porto residam cerca de 5 mil muçulmanos. A maioria deles frequenta o CCIP, mas depende às vezes do trabalho e do local de residência. No grande dia de orações, que é a sexta-feira, nas festas religiosas e no mês do Ramadão, encontram-se muitos muçulmanos no CCIP. Apesar de existirem outros centros de culto, o CCIP é considerado o grande representante da comunidade muçulmana do Norte do País.

A maioria dos muçulmanos residentes no Porto é da Guiné-Bissau, de Moçambique, do Senegal e de Marrocos. Surgem ainda os muçulmanos do Bangladesh, do Paquistão, da Índia, entre outros. Há assim uma grande diversidade de muçulmanos oriundos de diferentes países que se encontram no Porto.

Ainda de acordo com Abdellah Bouazza, a integração é sempre difícil, como qualquer imigrante que se desloca para um país estranho, por isso o centro funciona como um fator de ajuda à integração. É mais difícil a integração para os muçulmanos que vêm sem a família, pois chegam sozinhos para conseguirem emprego, casa e reunir as condições necessárias para receber a família. Outra dificuldade que muitos enfrentam é a língua.

Há ainda pessoas a converterem-se ao Islamismo no Porto. A maioria são estudantes e mulheres católicas, sendo que, neste momento, existem cerca de 20 convertidos no Porto. Abdellah Bouazza salienta ainda que a maioria converte-se para casar e não pela fé.

O Centro Cultural Islâmico do Porto: Formalmente, o CCIP foi constituído em janeiro de 1999. Mas, na prática já existia muito antes, há 25 anos, quando quatro residentes muçulmanos se encontravam para fazerem as suas orações. O número de muçulmanos foi crescendo gradualmente, sendo que a década de 90 ficou marcada pelo crescimento do número de muçulmanos no Porto. Entretanto, surgiu a necessidade de legalizar um centro cultural, uma associação religiosa. Foi então que surgiu a ideia de criar o CCIP. Em 2001 foi inaugurada a Mesquita *Hazrat Bilal* que funciona no CCIP.

O CCIP está situado na Rua do Heroísmo, número 223, no Porto, e define-se como uma associação religiosa e cultural frequentada por muçulmanos que seguem a orientação Sunita. A grande quantidade de muçulmanos existente no Porto justificou assim a criação do centro.

Quanto à organização, o CCIP é constituído por uma direção, uma assembleia geral e um conselho fiscal. Todos os muçulmanos que ocupam cargos no CCIP têm uma profissão independente do CCIP e nenhum está a tempo inteiro no centro, à exceção do *Imam Amadu Camará*.

De todas as utilidades do CCIP as mais importantes são o acolhimento e a integração dos muçulmanos que vêm para o Porto. Para além de ser um Lugar de Culto o centro pretende expandir informação sobre o Islão; auxiliar na adaptação à cidade do Porto; trocar opiniões; partilhar tradições incentivando, por exemplo, a não cobrir totalmente a mulher, já que se trata de uma prática exagerada relacionada com a cultura e não com a religião; inserir socialmente os muçulmanos na sociedade portuguesa; promover e incentivar à solidariedade, cooperação e aproximação a pessoas de outras religiões; induzir à união da comunidade muçulmana, para que haja coesão nas opiniões dos muçulmanos; aconselhar os muçulmanos com dificuldades financeiras que recorrem ao centro; tratar ainda de questões relacionadas com os funerais, que se processam de maneira diferente das outras religiões.

Uma forte curiosidade gira em torno da cultura muçulmana. Abdellah Bouazza revela que os portuenses não ficam alheios a esta situação e que procuram saber mais sobre a cultura. O CCIP recebe visitas de alunos vindos de várias escolas e universidades. O responsável do CCIP conta, que nestas iniciativas, os alunos ficam a conhecer a forma como é feito o culto islâmico e algumas noções sobre a religião. Os representantes do centro costumam receber várias solicitações para irem às escolas, a fim de divulgar a mensagem da religião e esclarecer algumas dúvidas, que os alunos possam ter em relação à religião. Regularmente, realizam-se ainda encontros entre as várias religiões existentes. Nestas reuniões, cada elemento aborda as principais características da religião que representa.

Projetos do Centro Cultural Islâmico do Porto: Os projetos mais importantes para a Comunidade Muçulmana do Porto são apenas dois: uma mesquita e um talhão no cemitério.

Um dos principais objetivos do CCIP é a construção de raiz de uma mesquita. Depois de várias reuniões e tentativas de cedência de um terreno para a sua construção, por parte da Câmara Municipal do Porto, acabou por ser a Câmara Municipal de Gaia que cedeu um terreno e os muçulmanos aguardavam apenas o financiamento para a construção da mesquita. Segundo Abdellah Bouazza, a embaixada da Arábia Saudita financia a construção da mesquita, contudo, depois do 11 de setembro a Câmara Municipal de Gaia recuou na sua decisão de cedência do terreno, e a embaixada justifica a falta de dinheiro para a construção da mesquita com a crise económica mundial que atravessámos.

Este projeto é muito importante para a comunidade muçulmana pois, de acordo com Abdellah Bouazza, sem uma mesquita não há um local para debater a segurança e adaptação entre os muçulmanos; para incentivar à renúncia de ideologias fanáticas e agressivas; e para unir a comunidade muçulmana uma vez que há conflitos dentro da própria comunidade. Um exemplo de conflito, segundo Abdellah Bouazza, surge quando “os muçulmanos de origens árabes acham-se mais muçulmanos do que os do centro e sul de África”

Apesar do intenso desejo da construção da mesquita, os muçulmanos reconhecem que de facto este não é o momento mais propício para a sua construção e aguardam por uma ocasião mais oportuna o mais brevemente possível.

O outro grande objetivo da comunidade muçulmana é a aquisição de um talhão no cemitério para uso exclusivo da comunidade. Este objetivo é justificável pela forma como as cerimónias fúnebres são cumpridas, uma vez que são completamente diferentes das cristãs e para os muçulmanos esses pormenores são muito importantes. Abdellah Bouazza salienta ainda que “a constituição permite que o Islão seja praticado no seu todo”. De facto, a 22 de junho de 2001 foi aprovada uma nova Lei da Liberdade Religiosa. Esperava-se que com esta nova lei estes problemas deixassem de existir, contudo nem sempre a lei é cumprida relativamente aos enterros dos muçulmanos. Efetivamente, a alínea b, do artigo 10º (Direitos de Participação Religiosa) da Lei da Liberdade Religiosa diz:

A liberdade de religião e de culto compreende o direito de, de acordo com os respetivos ministros do culto e segundo as normas da igreja ou comunidade religiosa escolhida: b) Celebrar casamento e ser sepultado com os ritos da própria religião.

Um facto curioso é que apesar da Comunidade Muçulmana do Porto ser legalmente reconhecida e apresentar-se convenientemente organizada, os seus objetivos são uma incógnita para a sociedade em geral.

Debates Sobre Cinema Muçulmano # 1: O SOS Racismo promove mais um ciclo de debates sobre cinema; no dia 13 de abril, pelas 21h30, apresentamos na sede do núcleo do Porto (Rua Do Almada, 254, 3º dto, dto, Porto), "Partition" (2007), um filme de Vic Sarin.

Contamos com a vossa presença!

Debates Sobre Cinema Muçulmano # 2: O ciclo de debates sobre cinema continua!

No dia 27 de abril, pelas 21h30, apresentamos na sede do núcleo do Porto (Rua Do Almada, 254, 3º dto, dto, Porto), "Tradição é Tradição" (1999), um filme de Damien O'Donnell.

Contamos com a vossa presença!

Debates Sobre Cinema Muçulmano # 3: O ciclo de debates sobre cinema continua!

No dia 11 de maio, pelas 21h30, apresentamos na sede do núcleo do Porto (Rua Do Almada, 254, 3º dto, dto, Porto), "Uma Separação" (2011), um filme de Asghar Farhadi, que arrecadou o óscar de melhor filme estrangeiro!

Contamos com a vossa presença!

Debates Sobre Cinema Muçulmano # 4: O ciclo de debates sobre cinema termina com a apresentação, na sede do núcleo do Porto (Rua Do Almada, 254, 3º dto, dto, Porto), de "Persépolis" (2007), um filme de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud, no dia 25 de maio, pelas 21h30.

Contamos com a vossa presença!

Apêndice 4

Inquérito por Questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O presente inquérito por questionário foi elaborado no âmbito do Projeto de Estágio “Islão e Portugal – A Comunidade Muçulmana do Porto” que está a ser desenvolvido pela estagiária Solange Machado no SOS Racismo (Porto).

O inquérito é anónimo e confidencial. Por favor responda com sinceridade pois não há respostas corretas ou incorretas. Preencha, sempre que possível, com um X.

A sua opinião é muito importante. Agradecemos a sua colaboração e disponibilidade e esperamos que este estudo contribua para um maior conhecimento da comunidade muçulmana do Porto.

GRUPO I – Dados Pessoais

1. Sexo:

Feminino	☐	Masculino	☐
----------	--------------------------	-----------	--------------------------

2. Idade: _____ anos

3. Qual o seu estado civil?

Solteiro	☐	Casado	☐	Vive junto	☐
Divorciado	☐	Viúvo	☐		

3.1 Se respondeu Casado ou Vive junto, a outra pessoa é da mesma religião que a sua?

Sim	☐	Não	☐
-----	--------------------------	-----	--------------------------

4. Em que cidade nasceu? _____

5. Em que país nasceu? _____

6. Qual a sua nacionalidade? _____

7. Qual o seu nível de escolaridade?

Não sabe ler nem escrever		Pós-graduação	
Sabe ler e escrever		Mestrado	
Ensino Básico		Doutoramento	
1.º Ciclo (1.º ano ao 4.º ano)		Outro. Qual? _____	
2.º Ciclo (5.º ano e 6.º ano)			
3.º Ciclo (7.º ano ao 9.º ano)			
Ensino Secundário (10.º ano ao 12.º ano)			
Licenciatura			

8. Qual a sua profissão? _____

8.1 Exerce alguma atividade laboral?

Empregado	
Desempregado	
Reformado	
Outro. Qual? _____	

8.2 Se respondeu Empregado na pergunta anterior:

É patrão	
Trabalha por conta própria	
Trabalha por conta de outrem (trabalha para outro)	

8.2.1 Qual a atividade laboral que exerce? _____

GRUPO II – Religião

9. A que ramo do Islão pertence?

Sunita		Xiita	
Outro. Qual? _____			

10. Nasceu no seio de uma família muçulmana e foi criado de acordo com os princípios desta religião?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

10.1 Se respondeu Não na pergunta anterior:

10.1.1 Que idade tinha quando se converteu ao Islão? _____ anos.

10.1.2 Porque se converteu ao Islão?

11. Considera-se um muçulmano praticante?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

11.1 Por favor justifique a sua resposta:

12. Ora cinco vezes ao dia?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

12.1 Porque?

13. Dá a esmola (*zakat*)?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

13.1 Porque?

14. Pratica o jejum durante o Ramadão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

14.1 Porque?

15. Já fez a peregrinação a Meca?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

15.1 Porque?

15.2 Se respondeu Não na pergunta anterior, pretende fazer a peregrinação?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

15.2.1 Se respondeu Sim na pergunta anterior, quando pretende fazer a peregrinação?

Se nasceu em Portugal por favor passe diretamente à questão 21.

GRUPO III – Causas da Emigração

16. Qual a principal razão que o levou a sair do seu país de origem? (Indique apenas uma)

Procura de melhores condições de vida	
Prosseguimento de estudos	
Questões Políticas	
Outra. Qual? _____	

17. Quais as razões da vinda para o Porto?

Ter familiares/ amigos no Porto		Facilidade em arranjar trabalho	
Proposta de trabalho		Outra. Qual? _____	
Gostar da cidade do Porto			

GRUPO IV – Integração na Comunidade

18. Alguém o tem ajudado desde que chegou a Portugal?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

18.1 Se respondeu Sim na pergunta anterior, de quem tem recebido ajuda?

Familiares		Organizações de solidariedade social (Ex: SOS Racismo) Qual? _____	
Amigos e conhecidos do seu país de origem		Associações de imigrantes (Ex: Essalam) Qual? _____	
Amigos e conhecidos portugueses		Organizações do Estado (Ex: CNAI) Qual? _____	
Centro Cultural Islâmico do Porto		Outro/a: _____ _____	

18.2 Se respondeu Sim na pergunta 18, em que áreas recebeu ajuda?

A encontrar trabalho		A aprender português	
A encontrar alojamento		Outro/a: _____	
A tratar da regularização			

19. Sente-se bem integrado na comunidade do Porto?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

19.1 Por favor justifique a sua resposta:

20. Quais são as suas principais dificuldades na adaptação à sociedade portuguesa?

(Indique apenas duas)

Dificuldades com a regularização da sua situação		Dificuldades com a entidade patronal	
Conseguir arranjar trabalho		Difícil adaptação ao trabalho	
Conseguir um trabalho melhor		Costumes diferentes	
Língua portuguesa		Sem dificuldades	

21. Alguma vez foi vítima de discriminação por ser muçulmano?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

21.1 Se respondeu Sim à pergunta anterior:

21.1.1 Em que aspetos?

Acesso à habitação (arranjar casa)		Acesso à saúde (ex: hospitais, centros de saúde)	
Acesso à educação (nas escolas, universidades)		Acesso ao emprego (arranjar trabalho)	
Acesso aos serviços públicos em geral (ex: transportes, tribunais)		Outro/a. Qual? _____ _____	

21.1.2 Já foi vítima de violência?

Física	
Verbal	
Nenhuma das anteriores	

- 21.2 Por favor descreva o episódio da discriminação e indique se fez algo para denunciar essa situação (ex: contactou alguma instituição para o ajudar?).

Se nasceu em Portugal terminou o preenchimento do questionário.

Obrigado pela sua colaboração!

22. Para a sua integração no Porto, qual das seguintes opções lhe parece ser as mais necessárias? (Indique apenas duas)

Saber falar bem português		Ter família consigo	
Ter amigos portugueses		Ter trabalho	
Ter amigos da sua nacionalidade		Fazer parte de uma Associação	
Ter amigos da mesma comunidade religiosa		Outro/a. Qual? _____	
Saber como funcionam os serviços de imigração, saúde, educação, etc			

Terminou o preenchimento do questionário.

Obrigado pela sua colaboração!